

200
Alexandre Fontes

Orthoepia
e Orthographia

DA

LINGUA PORTUGUEZA



1913

Editor: O AUCTOR.

Typ. da «Gazeta dos Caminhos de Ferro»
Rua Nova da Trindade, 48—Lisboa

C
NCT
I
ON

Sala 2
Est. 8
Tab. 1
N.º 45

INV: - Nº 1434

abv-99
N:482

Alexandre Fontes

DA LINGUA PORTUGUEZA

Orthoepia

e Orthographia

DA

LINGUA PORTUGUEZA

-482-



ALEXANDRE FONTES
RUA NOVA DA TRINDADE

RC
MNCI

81

FON

1913

Editor: O AUCTOR.

Typ. da «Gazeta dos Caminhos de Ferro»

Rua Nova da Trindade, 48—Lisboa

1878 - No. 1431

Orthographia

Orthographia

Orthographia

Todos os exemplares levam a chancellia do Auctor :

DA

Alvaro de Lencastre
LINGUA PORTUGUEZA



1878

Editor: O AUCTOR.

Typ. da Sociedade das Comarcas de Lisboa
Rua Nova da Trindade, 48 - Lisboa



ORTHOEPIA E ORTHOGRAPHIA

DA LINGUA PORTUGUEZA

Orthoepia é a sciencia de bem fallar (pronunciar).

Orthographia, a de bem escrever (graphar).

As nossas lucubrações visarão ora a uma, ora a outra, d'estas duas sciencias, começando por dedicar a nossa attenção á **orthographia**.

Terá, o que se diga, sempre um character pratico.

A orthographia portugueza, que como tal accetamos, é a que vem expressa no **Diccionario Portuguez Contemporaneo**, de Caldas Aulete, Santos Valente, e outros. E' tambem, com pequenas variantes, ou correccões, a que vem em todos os nossos velhos dictionarios. Velhos e novos, ou todos, excluindo só um ou outro, dos *novissimos*.

Encontro dos verbos, no infinitivo, com o pronome *o, a, os, as*, na sua forma archaica *lo, ta, los, las*.

Os verbos, no infinitivo, terminam, em portuguez, em *r*: *amar, comer, partir, pôr* (ant. *poer*).

Estas formas, seguindo-se-lhes *lo, la, los, las*, passam a *amal, comel, partil, pôl*, d'onde resulta *amal-lo, comel-lo, partil-lo, pôl-lo*, que é como escreviam os antigos. Mas nós, seguindo o uso mais moderno, escrevemos *amá-lo, comê-lo, parti-lo, pô-lo*, tirando um dos *ll*.

O que não podemos, nem devemos, é escrever *amdl-o*, *comêl-o*, *partil-o*, *pól-o*, pois havendo, como se viu acima, dois *ll*, a prioridade de perduração pertence naturalmente ao mais antigo, que é o do pronome *lo*, *la*, *los*, *las*; sendo o outro *l*, o dos verbos, que é o mais moderno, o resultado evidente da uma assimilação.

O artigo-pronome *lo*, *la*, *los*, *las*, provem das formas accusativas do pronome latino, *ille*, *illa*, *illud*, e que são *illum*, *illam*, *illud*, d'onde resultou primeiro *illo*, *illa*, (*abstrahindo do neutro*), e depois *lo*, *la*, pela queda da primeira syllaba. No plural *illos*, *illas*, deu *los*, *las*.

Conclusão: *amá-lo*, é forma legitima: *amál-o*, é forma erronea.

Mas *amá-lo* e *comê-lo*, precisam d'estes accents, agudo ou circumflexo, para evitar confusão com formas do imperativo.

II

Não se deixará de mão um ponto, sem que fique bem esclarecido, segundo o nosso desejo.

O phenomeno da assimilação, é muito corrente. Chama-se assimilação ao phenomeno da alteração da natureza de um phonema (*som da voz humana*), pelo seu encontrô com outro phonema, que lhe esteja em frente, ou que lhe esteja antes; ou, que o siga, ou que o anteceda. Se em frente, ou na sequencia, a assimilação chama-se *progressiva*; se antes, ou na antecendencia, chama-se *regressiva*.

Se a alteração de natureza do phonema assimilado, é para a natureza exacta do phonema assi-

milante, a assimilação é total; se ha só approximação, é parcial.

Em *amá-lo*, o *r* passa a *l*, e desaparece: assimilação total, e progressiva.

Em *fizeram-no*, o *l* (do artigo-pronome) passa a *n* (approximação a *m*): assimilação parcial e regressiva.

Logo, ficamos tambem já scientes: *fizeram-no*, é forma exacta, ou legitima.

Qualquer outra forma, para este caso, é erronea, ou illegitima; como por ex. *fizeram-n'o*, que ninguem é capaz de entender, nem de explicar, mas que apparece, às vezes... por ahi.

III

Continuando a tratar do phenomeno da assimilação, diremos que elle é como uma applicação do principio, ou da lei, do *minimo esforço*. Quando ha dois phonemas em presença, que mais ou menos se approximem, ha tendencia para pronunciar um só, em vez de dois. E' necessario, para que tal seja exequivel, que uma certa approximação exista entre elles. E' o caso do *r* e do *l*, ambos phonemas *liquidos*, um *guttural* e o outro *palatal*. No encontro *amar-lo*, permite o nosso systema vocalizante (o nosso, isto é, o portuguez) que se possa pronunciar um d'estes phonemas, como o outro. Quando, ao pronunciar *amar*, sabemos que teremos de pronunciar *lo* em seguida, ou quando ao pronunciar *r*, sabemos que teremos de pronunciar *l* em seguida, o orgão da voz, preparado já de an-

temão para a pronuncia do *l*, pronuncia o *r* como *l*, de onde resultam dois *ll*; ou, por economia de escripta, correspondente a uma perfeita assimilação, um *l* só: e *amar-lo*, transforma-se, em portuguez, em *amã-lo*.

Já tal transformação se não dá em castelhano, onde se pronuncia e escreve *amarlo*, sem o hyphen.

Note-se, que, n'outros casos, se manifesta, em portuguez, um certo jogo entre as liquidas *r* e *l*. Dizemos *aluguer*, mas tambem se ouve *aluguel*. Diz-se *armario*, mas tambem se ouve *almario*, sendo esta a forma mais antiga, e tendo a outra nascido por *attracção*, que é um phenomeno semelhante ao da *assimilação*.

Exemplo de assimilação total, e progressiva, se nota tambem na pronuncia de *dez reis*, que é *derreis*. Ou de *dezreisinhas*, que é *derreisinhas*, não se lhes alterando, porém, a graphia, que é sempre *dez reis*, e *dezreisinhas*.

A lei do *minimo esforço*, é uma lei, que se verifica em todas as demais sciencias, e não só em glottologia. E' uma lei geral da Natureza. Até Deus (a Biblia no-lo diz, como no-lo diz o instincto) usou de um minimo esforço, não gastando, como nós, tantas palavras, para explicar, demonstrar, convencer, ou crear: *Fiat lux!*... *Et lux facta!* E quando nos falla na consciencia, o seu esforço é minimo tambem, porque é rapido como o relampago, ou como o pensamento. Mais que o relampago ou que o pensamento.

IV

Analysemos os seguintes casos:

eis-me, eis-te, ei-lo, ei-la,
eis-nos, eis-vos, ei-los, ei-las.

Nos dois segundos exemplos, *ei-lo* e *ei-la*, a sibilante *s* de *eis* é assimilada totalmente à *liquida*.

Nos dois ultimos exemplos, *eis-los* e *eis-las*, ha a lucta de duas forças de attracção, uma de mais perto e outra de mais longe. A de mais perto resolve-se pela assimilação total e progressiva da sibilante *s*, que se transmuta em *l*, como nos casos supra; a mais longinqua é de contrario effeito, pois pretende fazer reaparecer ou conservar o *s* de *eis*, por influencia do *s* final de *los* ou *las*. Mas a primeira força é que vence. E assim, apesar de *eis-los* e *eis-las* não soar tão mal como *eis-lo* e *eis-la*, deve graphar-se *ei-los* e *ei-las*, como se grapha *ei-lo* e *ei-la*.

Eis tem o valor ou a categoria de *adverbio* ou de *interjeição* e origina-se na forma adverbial *ecce*. *Ecce Homo* = *eis o homem*: vocalização em *i*, do primeiro *c*, etc., como em *oito*, *noite*, de *octo*, *noc-tem*, etc.

Eis tendo em frente *me*, *te*, *nos*, *vos*, mantem-se com a sibilante final intacta, porquanto *m*, *l*, *n* e *v*, nada influiram na articulação do *s*, ou se influíram foi para a tornar mais sibilante ainda.

Tomemos estes exemplos:

Fizeram-nos uma pirraça.

Fizeram-na bonita!

Tornaram-nos bonitos ou tornaram-nas bonitas, aquelles fatos de mascara.

No primeiro exemplo, *nos* é pronome pessoal da primeira pessoa, do plural; está no caso *dativo*, como *complemento indirecto*: *Fizeram uma pirraça a nós*.

No segundo exemplo, *na* está por *la* (*a*), e é pronome pessoal, da terceira pessoa, do genero feminino; está no caso *accusativo*, como *complemento directo*: *Fizeram bonita ella* (*essa cousa*, etc).

No terceiro exemplo, *nos* (por *los*, *os*), e *nas* (por *las*, *as*), são pronomes pessoases, da terceira pessoa, do plural; estão no caso *accusativo*, como *complemento directo*: *Aquelles fatos de mascara tornaram elles*, ou *ellas*, *bonitos*, ou *bonitas*.

*

A phrase: *Poseram-nos em correspondencia*, é ambigua, pois tanto parece que se queira dizer que *nos* poseram a *nós*, como a *elles*: *Poseram-nos*, a *nós* *dois*, ou a *nós* *todos*, em correspondencia...; ou *poseram-nos*, (*elles*, *dois* ou *muitos*) em correspondencia...

Mas, esta ambiguidade, é tanto para o ouvido, como para a vista. Não vale pois a pena, estar a evitá-la para a vista, quando é inevitavel para o ouvido. A forma *poseram-n'os*, é pois erronea, e

desnecessaria. Erronea, porque o *n* separado de *os*, não tem significação nenhuma, nem o apóstrofo, que é sómente um signal de elisão; e desnecessaria, porque não evita a ambiguidade auditiva entre *nós* (*nós*) e *nos* (*los, os, elles*).

VI

Os pronomes pessoaes *nós* e *vós*, nas suas formas *nos* e *vos*, quando tomadas como caso dativo ou de complemento indirecto, perdem o *s* em frente das formas, *lo, la, los, las*, da terceira pessoa, em accusativo ou complemento directo. Assim, grapha-se muito bem:

deu-no-lo, vendeu-vo-lo
em vez de,

deu-nos-lo, vendeu-vos-lo.

que não existem, por se ter dado a assimilação do *s*.

São, portanto, erroneas, as formas *deu-nol-o, vendeu-vol-o*, que por ahí muito apparecem.

*

As formas do artigo *o, a, os, as*, são, como se tem visto, tres. O artigo-pronome *o, a, os, as*, é um só, mas tem tres formas verdadeiras, assim collocadas, por ordem chronologica do seu apparecimento na lingua:

lo, la, los, las;

no, na, nos, nas;

o, a, os, as;

sendo a ultima a mais moderna. A primeira, que é a mais antiga, é a que determina os casos de assimilação a que nos temos referido.

Vejamos melhor a historia do artigo *o, a, os, as*.

Este artigo, chama-se-lhe artigo-pronome, por duas razões: porque a sua origem é pronominal (*ille, illa, illud*) e porque ainda hoje exerce funcções de pronome, em portuguez.

Quando dizemos: *deu o livro*, *o* é o que chamamos artigo definido. Mas, quando dizemos: *deu-o*, *o* é pronome pessoal. Póde estar por pessoa, ou coisa, mas chama-se-lhe pessoal, e da terceira pessoa.

Mas, a verdade é, que, quer vá como artigo, quer como pronome, é sempre o mesmo vocabulo, é sempre o mesmo pronome ou sempre o mesmo artigo, e d'ahi poder chamar-se-lhe artigo-pronome.

A sua origem é no *ille, illa*, com o accusativo *illum, illam, illos, illas*. Chama-se-lhe artigo (categoria grammatical desconhecida em latim), decerto por ser um monosyllabo minusculo. Artigo=*articulum*, é o diminutivo de *artus, us*, que significa membro. E o artigo é um membrozinho ou elementozinho do discurso.

O que este termo tem, são duas applicações: quando com um substantivo, tem funcção de adjectivo: *o pae, o réo, o chapéo*; quando só, funcção de pronome: *dei-o, chamei-o, fi-lo, fiz o que querias*.

Quando vae acompanhado, exercendo funcção adjectival, serve no caso em que estiver o substantivo a que se junta. Quando vá só, exercendo funcção pronominal, serve, ou como sujeito ou como apposto, ou como complemento directo, isto é, póde estar ora em nominativo, ora em accusativo.

Quando se diz que este vocabulo tem duas formas, *o, a, os, as*, e *lo, la, los, las*, as primeiras são o que propriamente chamamos artigo definido (adjectivo demonstrativo), e as segundas, o que podemos chamar artigo-pronome (pessoal ou demonstrativo). E as formas *no, na, nos, nas*, são meras variantes, phoneticas e graphicas, das formas accusativas *lo, la, los, las*.

Declina-se assim este artigo-pronome :

NOM. *o, a, os, as* (artigo definido
ou pronome)

ACC. $\left\{ \begin{array}{l} \textit{lo, la, los, las} \dots \\ \textit{no, na, nos, nas} \\ \textit{o, a, os, as} \dots \end{array} \right.$ (pronome pessoal
ou demonstrat.^o)

Como artigo, nunca se diz ou escreve, senão *o, a, os, as*, : *o pae, a mãe, os filhos, as filhas*.

Como pronome pessoal, póde empregar-se qualquer das formas, segundo o phonema pronunciado antes: *amá-lo, amam-no, ama-o*.

Como pronome demonstrativo, só se emprega a forma *o, a, os, as*, em geral.

Mas todas proveem do accusativo latino *illum, illam, illos, illas*.

Quando dizemos: *o amar é doce*, *o* é artigo; quando dizemos *vê-la e amá-la*, *la* é pronome pessoal; quando dizemos *é mister que o digas*, *o* é pronome demonstrativo.

Não é muito vulgar depararem-se-nos, em portuguez, vestígios das declinações latinas. Um d'esses vestígios, porém, encontra-se justamente no nosso artigo-pronome, em que as formas *lo, la, los, las*, são verdadeiras formas do accusativo.

N'um outro dialecto neo-latino, no francez, encontram-se mais frequentemente aquelles vestígios, como nos nomes *Hôtel-Dieu* = *Hôtel de Dieu*; *Marie-Dieu* = *Marie de Dieu*; *Folies-Bergère* = *Folies de ou de la bergère*; *Bourg-Madame*, *Vernet-les-Bains*, *Aix-les-Bains*, *Aix-les-Thermes*, *Aix-la-Chapelle*, *Villiers-Saint-George* e tantos outros nomes de localidades. Tambem temos, em francez, *qui*, pronome relativo (*sujeito* ou *nominativo*), e *que*, esse mesmo pronome (*complemento directo* ou *accusativo*).

Em portuguez, temos o nome *Madre-Deus*, em que o segundo elemento está em genitivo, como no francez *Marie-Dieu*. *Madre-Deus* quer dizer *Madre de Deus*. Assim, póde dizer-se: *Maria Madre-Deus*, ou *Maria Madre de Deus*.

As formas antigas deixam sempre vestígios: já os Latinos diziam *pater-familias*, em que *familias* é uma forma archaica do genitivo. E nós quando dizemos *filho-familia*, empregamos *familia* sem preposição, e portanto como no caso genitivo, embora com a desinencia perdida, que era a tal antiquissima, *s*.

Antes de entrarmos em pontos especiaes, apresentaremos uma lista de vocabulos, dos que mais vulgarmente apparecem deturpados, na imprensa jornalística, e em livros; e com as respectivas emendas.

ERROS	EMENDAS	ERROS	EMENDAS
idéa	ideia	modello	modelo
assembléa	assembleia	vela (vigília)	vella
Galiléa	Galileia	vella (de navio)	vela
corrêa	correia	fala	falla
ideiar	idear	falar	fallar
ideial	ideal	callar	calar
estreiar	estrear	pena (pluma)	peuna
janela	janella	addiar	adiar
panela	panella	addicção	addição
pisadela	pisadella	cordeal	cordial
picadela	picadella	cordealidade	cordialidade
mordidela	mordidella	cardeal	cardial
mazela	mazella	craneo	cranio
querela	querella	cerimonia	ceremonia
cautella	cautela	descrição	discreção
parentella	parentela	antecipar	antecipar
clientella	clientela	previlégio	privilegio
tutella	tutela	isenção	exempção
corruptella	corruptela	isentar	exemptar
tella	tela	isento	exemplo
pella	péla	ceu	céo
selo	sello	chapeu	chapéo
velo	vello	apogeo	apogeu
veludo	velludo	mao	mau
pello	pelo	grao	grau
depillatorio	depilatorio	condicção	condição
pellar (de pelo)	pelar	tradicção	tradição
pelar (de pelle)	pellar	contricção	contrição
camello	camelo	constricto	contrito
camaleão	cameleão	attracto	atrito

ERROS	EMENDAS	ERROS	EMENDAS
extradictar . .	extraditar	estrangeiro . .	extranjeiro
extradição . .	extradição	sugeitar	sujeitar
edital	edictal	sujeito	sujeito
rectaguarda . .	retaguarda	regeitar	rejeitar
ractificar . . .	ratificar	jeito	geito
pezar	pesar	ajeitar	ageitar
pezame	pesame	jesto	gesto
apezar	apesar	magestade . . .	majestade
presar	prezar	magestoso . . .	majestoso
despresar . . .	desprezar	outhorgar . . .	outorgar
despreso	desprezo	outhorga	outorga
visinho	vizinho	athaude	ataúde
praso	prazo	exhorbitar . . .	exorbitar
aprasar	aprazar	exhuberancia .	exuberancia
horisonte . . .	horizonte	exortar	exhortar
resar	rezar	atmosphera . .	atmosfera
defeza	defesa	contheudo . . .	conteúdo
preza	presa	theor	leor
empreza	empresa	cathegoria . . .	categoria
rasão	razão	cathecismo . . .	catechismo
sósinho	sózinho	thesoura	lesoura
jardimsinho . .	jardimzinho	tesouro	thesouro
quicá	quissá	sachristia . . .	sacristia
ressuscitar . .	resuscitar	phisica	physica
ressurgir	resurgir	phisionomia . .	physionomia
ressurreição .	resurreição	lira	lyra
prorrogar . . .	prorogar	lyrio	lirio
prorrogacão . .	prorogação	cyrio	cirio
vigessimo . . .	vigesimo	estygma	estigma
dezesseis . . .	dezaseis	enygma	enigma
dezessete . . .	dezasete	esplynge	esphinge
dezenove . . .	dezanove	thysica	thisica
explendor . . .	esplendor	colyseu	coliseu
explendido . .	esplendido	hypodromo . . .	hippodromo
expontaneo . .	espontaneo	syphão	siphão
expolio	espolio	syntese	synthese
extrato	estrato	systema	systema
extracto	extracto	infanteria . . .	infantaria
extranho	estranho	grosseria	grossaria

ERROS	EMENDAS	ERROS	EMENDAS
alfaiateria...	alfaiataria	eccò	echo
hilariedade..	hilaridade	cahos	chaos
pecego.	pessego	escola	eschola
socego.	sossego	appreender. .	apprehender
peor.	peior	prehéncher..	preencher
economisar..	economizar	jury	juri
baptisar.	baptizar	prêt	pré
regime.	regimen	desporto. . . .	esporte
specime	specimen	desportivo ..	esportivo
stricto	estricto	anedocta	anedota
stulto	estulto	reportorio. . .	repertorio
strenuo	estrenuo	protogonista.	protagonista

N. B. — Os termos affins, ou derivados, d'estes, seguem analogia graphia. — Repete-se que n'estes termos é que ha actualmente maior hesitação, motivo por que se lhes deve prestar mais attenção.

X

Vejam os nomes cuja terminação sôe como em *grandeza* e *defesa*.

Taes nomes, escrevem-se, em regra, como em *grandeza*. Assim, teremos:

Barateza, belleza, boniteza, bruteza, clareza, correnteza, crueza, curteza, delicadeza, dextreza, escureza, estreiteza, experteza, fereza, firmeza, fortaleza, franqueza, fraqueza, frieza, inteireza, largueza, leveza, ligeireza, limpeza, macieza, madureza, magreza, molleza, morbideza, natureza, nobreza, pobreza, presteza, proeza, pureza, rizeza, riqueza, rudeza, simpleza, singelleza, tibieza, torpeza, tristeza, vileza, viveza, etc., etc; e baroneza, marquezza, duqueza, prioreza, etc.

Escrevem-se, porém, como *defesa*, os nomes que, como este, se ligam a verbos latinos, cujo supino seja em *ensum* ou em *isum*. Exemplo:

Defesa, presa, represa, surpresa, empresa, tesa, retesa, devesa, lesa, illesa, repesa, despesa, correspondentemente

a «defendo, defensum;prehendo,prehensum;tendo,ten-
sum;divido,divisum;lædo,læsum;pendo,pensum».

Em *eza*, os patronymicos, como *portugueza, chi-
neza, albaneza, japoneza, ingleza, etc., etc.*

Em *eza*, o substantivo concreto *turqueza*.

Note-se a orthographia de *mesa*, e derivados,
mesario, amesendar-se, sobremesa, etc.

Note-se a orthographia de *Theresa*.

Note-se a orthographia de *reza*.

XI

Incidentalmente, dir-se-ha que os patronymicos
se escrevem com inicial maiuscula, quando sub-
stantivos, e com minuscula, quando adjectivos.

Exemplo:

Esta mulher é franceza, ou é uma Franceza; a mulher
franceza é a que melhor sabe vestir-se; o Portuguez é
valente; a industria portugueza está em geral atrazada;
aquelle homem é villacondense, ou é um Villacondense;
os Gregos tiveram oitenta mortos e trezentos feridos; o
poderio turco está esmagado na Europa; tiveram sorte na
empresa, os Montenegrinos; os Poveiros portam-se sem-
pre heroicamente.

XII

Fixe-se a orthographia de *após, assás, aliás, e
de através e convés*.

Fixe-se a orthographia de *Trás-os-Montes*.

*

Na nossa licção X apresentámos uma lista de vo-
cabulos, e dissemos que os vocabulos affins, e de-
rivados, seguem-lhes identica graphia.

Mesa, escreve-se com *s*, e tambem os derivados
mesario, amesendar-se, sobremesa, etc.

Espontâneo, escreve-se com *s*, e também o derivado *espontaneamente*.

Falla, tem dois *ll*, e também os derivados *fallacia*, *fallatorio*, *fallador*.

Vella (*vigília*), tem dois *ll*, e também os affins *desvello*, *desvellar*.

Vela (*de navio*), tem um só *l*, e também o affim *revelar*.

*

Com relação aos termos *vella* e *vela*, examinem-se as seguintes phrases :

A vella arden completamente.

A vella está partida.

A vela está rota.

A velivola frota seguia rumo ao oriente.

O doente foi vellado toda a noite.

Fazer um quarto de vella.

Isso não é vela, é um velacho.

Velava-lhe o semblante uma nuvem de tristeza.

A moça velou o rosto.

O disco da lua começou a velar-se levemente.

Os Turcos foram obrigados a vellar durante toda a noite.

O velame do barco é todo novo.

Era um bello veleiro, esse teu barco.

Vellei durante horas seguidas.

Velejavamos para les-nordeste.

Levavamos pandas as velas.

Accendi todas as vellas.

Por conseguinte, vê-se que ha *vellar* e *velar*, como ha *pennar* e *penar*, e *pellar* e *pelar*, visto haver *vella* e *vela*, *penna* e *pena*, e *pelle* e *pelo*, como também ha *filtro* e *philtro*, *hippodromo* e *hypodromo*, (*logar coberto, para passeio*), *scena*, *sena* e *cena* (*ceia*), *apparentar* e *aparentar-se*, *expiar* e

espiar, estofar e estufar, pregar e prégar, coser e cozer, rabear e rabiari, arrear e arriar, caçar e cassar, edictar e editar, edicção e edição, notar e nutar, notação e nutação, tonante e tunante, cessão e sessão, secca e seca, mula e mulla, cota e quota, molle e mole, mola e molla, molar e mular, mural e moral, cynico e sinico, fato e phato, cholera e colera, schisma e scisma, facha e faxa, caça e cassa, paço e passo, ficha e fixa, bucho e buxo, feto e fetto, tacha e taxa, mocæ e moka, cola e colla, summo e sumo, anno e ano, poupa e popa, concelho e conselho, vasu e vaza, etc., etc.

XIII

A lista dos nomes na lição anterior apresentada, era quasi toda constituída por nomes homophonos. Homophonos são os nomes que teem o mesmo som, ou que soam egualmente. Assim, *notação e nutação, vadear e vadiar, varear e variar*.

Ora, succede que nomes totalmente homophonos, escrevem-se differentemente. Não ha nomes substantivos, nem adjectivos, que se escrevam egualmente, sendo totalmente homophonos, e com significação diversa. Esta é a regra. Ha, porém, uma ou outra excepção. Temos, por ex., *real*, que tem duas significações: ha *real*, de *rex, regis*, e ha *real* (*existente*), de *res, ei*.

O verbo *passar*, derivado de *passo* (*passus, us*, de *pando, is, ere, di, passum* ou *pansum*) toma varias accepções.

Temos tambem, *lima* (*instr.*) e *lima* (*bot.*), e *rima* (*rima*) e *rima* (*poes.*).

Quando os vocabulos tenham categoria grammatical diversa uns dos outros, então é que se encontram para elles graphias eguaes, ás vezes. Assim, *pelo* (*subs.*) e *pelo* (crase de *per* ou *por* e *o* ou *lo*) escrevem-se da mesma forma, o que não traz nenhum inconveniente, visto como, pelo sentido, se percebe facilmente de que categoria grammatical se trata. Sendo ambos substantivos, por ex., é que é necessario que a graphia varie. E' por isso que se torna indispensavel a distincção entre *vela* e *vella*, distincção, que, infelizmente, não vem no «*Dictionario Portuguez Contemporaneo*», como seria mister.

O *l* duplo apparece em *vella*, de *vigilia*, como apparece em *fallar*, onde tambem provem de uma syllaba syncopada, em *fabulari* ou *fabulare*.

A palavra *velum*, *i*, (que em latim significa véo), do plural neutro passou a singular feminino, como succedeu a *folium*, *ii*, cujo plural *folia* deu o nosso singular *folha*. N'este ultimo vocabulo percebe-se bem o seu valor plural, na seguinte locução: *a queda da folha*, isto é, *das folhas*.

Cholera (m.) e *colera* (f.) escrevem-se diversamente, por ser diversa a accepção entre estes dois substantivos. Já os Francezes, os Italianos, os Hespanhoes, etc., teem essa differença de *genero* e de *graphia*, nas suas respectivas linguas, n'estes dois termos: fr., *le choléra*, *la colère*; cast., *el colera*, *la colera*; ital., *il collera*, *la colera*.

Schisma ou *scisma*, que são um e o mesmo termo, morphologicamente, teem differente graphia, por terem differente accepção.

Pregar e *prégar*, que se escrevem com os mesmos caracteres, teem differenciação graphica, pela accentuação da primeira syllaba, no segundo d'estes termos.

XIV

Um ponto que vem muito claramente expresso no «Diccionario Portuguez Contemporaneo», é o dos verbos em *izar*.

Izar é um suffixo. De *suave*, *suavizar*; de *uniforme*, *uniformizar*, etc.

Não deve confundir-se o suffixo *izar*, com o suffixo *ar*. De *aviso*, *avisar*; de *analyse*, *analysar*.

Levando isto para o lado pratico, e destrinçando bem os dois suffixos, *izar* e *ar*, diremos que os verbos que soarem terminalmente em *izar*, se escrevem com *z*, e são muitissimos esses verbos: *amenizar*, *canalizar*, *centralizar*, *concretizar*, *contemporizar*, *idealizar*, *individualizar*, *materializar*, *paralyzar*, *realizar*, *suavizar*, *synthetizar*, *systematizar*, *uniformizar*, etc., etc., etc.

Mas escrevem-se com *s*, os seguintes verbos, por exemplo, em que o suffixo é *ar*: *analysar*, *avisar*, *balisar*, *bisar*, *frisar*, *pisar*, *precisar*, *visar*, *divisar*.

Compreenda-se: *material* + *izar* = *materializar*; e *aviso* + *ar* = *avisar*. Tanto umas, como outras formações, ás vezes, nos veem já feitas do grego, ou do latim, como *paralyzar* e *visar*, por exemplo.

Em *alizar*, o suffixo é *ar*; *a* + *lizo* + *ar* = *alizar*.

São facteis de destringar os verbos em *izar* e *isar*.

Extraíamos *material*, a *materializar*. Poder-se-lhe-hia juntar o suffixo *ar*? *Materialar*? Não. Logo, o suffixo verbal é *izar*: *material*, *materializar*.

Extraíamos *aviso*, a *avisar*. Poder-se-lhe-hia juntar o suffixo *izar*? *Avisizar*? Não. Logo, o suffixo verbal é *ar*: *aviso*, *avisar*.

Izar é de origem grega; *ar*, de origem latina.

Izar, em geral, junta-se a adjectivos:

Ameno, amenizar; bestial, bestializar; brutal, brutalizar; concreto, concretizar; contempore, contemporizar; espirital, espiritalizar; esteril, esterilizar; exterior, exteriorizar; eterno, eternizar; fertil, fertilizar; final, finalizar; formal, formalizar; geral (general), generalizar; ideal, idealizar; jogral, jogralizar; legal, legalizar; liberal, liberalizar; material, materializar; moderno, modernizar; penal, penalizar; prodigo (prodigal), prodigalizar; real, realizar; rival, rivalizar; suave, suavizar; susceptivel, susceptibilizar; uniforme, uniformizar, etc., etc.

Mas tambem se junta a substantivos:

Canal (adj. substantivado), canalizar; estylo, estylizar; methodo, methodizar; orgão, organizar; rubor, ruborizar; synthese (ou synthetico), synthetizar; systema, systematizar; throno, entronizar; vigor, vigorizar, etc., etc.

Ar, em geral, liga-se a substantivos:

Aviso, avisar; balisa, balisar; caça, caçar; cozinha, cozinhar; crivo, crivar; friso, frisar; guisa, guisar; juizo, ajuizar; lima, limar; minuta, minutar; nota, notar; obra, obrar; opera, operar; pesquisa, pesquisar; piso, pisar; plica (pellicula), plicar; raio, radiar; serie, seriar; siso, assisar; trovisco, entrovistar; véo (velo), velar; vella, vellar; vigor, vigorar, etc., etc.

Mas tambem se liga a adjectivos :

Firme, firmar; fixo, fixar; liberto, libertar; livre, livrar; lizo, alizar; medio, mediar; plaino, aplainar; plano, aplanar; preciso, precisar; raso, rasar e arrasar; victima, victimar; viso, visar e divisar, etc., etc.

Nos verbos, cujo radical é numeral, o suffixo é *ar*: *bis*, *bisar*; *duplice*, *duplicar*; *sextuplo*, ou *sextuplica*, *sextuplicar*; *multiplíce*, *multiplicar*.

De *forma*, *formar*, e de *formula*, *formular*, mas de *formal*, *formalizar*; de *ideia*, *idear*, mas de *ideal*, *idealizar*; de *voz*, *vozear*, mas de *vocal*, *vocalizar*; de *vôo*, *voar*, mas de *volatil*, *volatilizar*.

Os verbos em *ar* (incluindo *izar*) são os mais numerosos e constituem a chamada 1.^a conjugação.

Os verbos em *izar*, ou que assim sõem, devem escrever-se com *z*, excepto quando no radical haja já *s*, como em *guisar*, ou *avisar*.

Fixe-se a orthographia de *analysar*, suffixo *ar*.

Fixe-se a de *alitzar*, suffixo *ar*.

Fixe-se a de *baptizar* e a de *paralyzar*.

XVI

Não confundir *edictar* com *editar*. *Edictar* vem de *dictare*, de *dico*, *is*, *ere*, *ixi*, *ictum*; *editar* vem de *edo*, *is*, *ere*, *edidi*, *editum*. Ha quem pronuncie *edictar* e *editar*, homophonamente. Não importa: differenciam-se graphicamente.

Edito e *edicto* é que já não são homophonos: *edito* é exdruxulo, accento no *e*; *edicto*, é grave, accento no *i*.

Editar significa publicar, annunciar, divulgar; *edictar* significa dictar, ordenar, decretar; *edito*,

publicação ou annuncio; *edicto*, ordem, decreto, lei, mandato ou postura.

Edictal, subs., provem do adj. *edictalis*, e, e liga-se a *edictare*.

Dizemos, portanto: *editar*, *editor*, *edição*, *edito*, *editorial*, e *edictar*, *edicto*, *edicação* (obsol.) e *edictal*.

Edictal é como se dissessemos *carta* ou *aviso edictal*, isto é, *decretal*, *legal*, ou *comminatorio*: **ad edictum pertinens, ut edictalis lex.**

Dizemos, portanto:

«Li ha pouco um edictal; já se publicou o edictal da convocação dos recrutas; correm editos pela 5.^a vara; Henrique IV e o seu celebre edicto; os editos foram publicados em tres jornaes».

Edictal é um aviso, contendo sempre uma ordem, e comminatoria; *edito* é um simples aviso, em que só se publicam factos, ou se annunciam effeitos, mas sem comminação, a não ser a da perda de direitos. Quem não cumprir um *edito*, arrisca-se a perder direitos; quem não cumprir um *edictal*, arrisca-se a penas, por infracção de deveres.

A orthographia de *edictal* tem sido muito oblitte-rada. De um dicionario sabemos, que reza: **Edic-tal** ou **Edital**. Ora, isto é que não pôde ser: ou sim, ou sopas, como se diz em vernaculo da Co-tovia.

XVII

O caso de *edictal*, que muitos dicionaristas apresentam sem *c* antes do *t*, ainda é desculpavel, pois provem da confusão entre os verbos *editar* e *edictar*. De *editar*, porém, querendo-se, pôde tirar-

se um adjectivo, *edicional*, que tambem, querendo-se, se pôde substantivar. Seria forma analoga a *condicional*, porque, effectivamente, *edicional*: *edere*:: *condicional*: *condere*. Mas tem-se passado sem tal.

Que admira, porém, que se invente erradamente uma graphia, em resultado de um verdadeiro equívoco, se os nossos escriptores, jornalistas e outros, teem inventado coisas muito mais inverosimeis?

Quem dissera a razão de se graphar *colyseu*, *cathegoria*, *contheudo*, *athaude*, *theor*, e outros absurdos, que são verdadeiras monstruosidades?

Se a invenção vae longe, e ultrapassa as fronteiras! Para se dizer: o *Sr. Cointreau*, grapham: *Mr. Cointreau*, quando os Francezes sempre grapharam *M. Cointreau*!

E vimos n'uma gazeta das nossas, n'uma transcripção do francez: *téléfonons*, como se a nossa anarchia graphica se extendesse já para além dos Pyrenéos!

XVIII

O vocabulo *coliseu* nunca se deve escrever d'outro modo. Que significa um celebre *y*, que muitos escribas lhe introduzem?

Coliseu é corruptela de *colosseum*, termo que significa *grande*, *colosseo*, *colossal*.

Por alteração phonetica, o *o* da segunda syllaba de *colosseum* passou a pronunciar-se *i*, que, é obvio, deve graphar-se *i*, á latina ou á portugueza, e nunca *y*, á grega.

Um *coliseu* é um circo, ou amphitheatro, *grande*, *colosseo*, *colossal*; d'ahi o seu nome. A forma *coliseu*

é a que apparece em **todos** os dictionarios. Em todo o caso, teimam em escrever *colyseu*... Que remedio se lhes ha-de dar?..

*

Assim como, caprichosamente, isto é, inscientemente, se introduziu um *y* em *coliseu*, assim tambem *enigma*, *estigma*, *thisica*, *lirio*, *cirio*, *siphão*, e mais um ou outro vocabulo, costumam ser enfeitados com um *y*. E' o mesmo erro de sempre.

Nós somos pela conservação do *y*, em termos de origem grega, e onde os Gregos tinham *ü*, que os Latinos translitteraram para *y*. Queremos que se escreva *prophylaxia*, mas queremos que se escreva *hippodromo*, por exemplo.

Mas, como saber quando é *y*, ou quando é *i*? Pelo estudo da orthographia, pela leitura assidua do dictionario, e pelo exemplo colhido dos que melhor escrevem. Havendo meia duzia de escriptores, ou de jornaes, que façam esse estudo, e que sirvam de exemplo a outros jornaes, e a outros escriptores.

Seremos nós acaso insusceptiveis de conhecer a lingua que fallamos, na forma de a representar graphicamente?

Teremos a nossa bossa grammatical ou orthographica, inferior á de Hespanhoes, Gregos, Francezese, Inglezes ou não importa quem? Seriamos uma gente unica...

Saber-se-ha que ha formas divergentes. O que são? São formas, existentes n'uma lingua sahida de outra, e que assumem phonetica ou graphia diversas das que tinham na lingua originaria. Assim, em latim havia *vitium*, *ii*: d'aqui proveiu para o portuguez *vicio*, e tambem *vico*. São uma e a mesma cousa, originariamente. Ainda hoje as hervanarias dizem: *as malvas ainda teem o vicio*, e querem dizer o *vico*, como nós outros dizemos. *Cousa* e *causa* são formas divergentes do latim *causa*, *æ*. Ha innumerados casos.

Trans, *trás*, *tras*, *tres*, são formas divergentes: *transpôr*, *Trás-os-Montes*, *traspassar*, *trespassar*.

As formas *divergentes* provieram de diversa canalização que lhes foi dada. Ha termos que são de formação erudita, outros de formação popular. Assim: *cumulo*, *comoro* e *combro*, que são uma e a mesma cousa. Mas *cumulo* é de formação erudita, e *comoro* e *combro* são-no da popular. Assim: *processus* e *processo*. *Processus* é a forma erudita. E' a propria forma do latim. Emprega-se em estylo didactico. E *processo* é a formação vernacula, ou popular.

Referendum, que é forma latina ainda, emprega-se em estylo puxado, sendo *referendo*, a forma já popular. *Differendum* e *differendo*, são casos analogos. E *anus* e *ano*, a mesmissima coisa. *Anus* é forma *erudita*. *Ano* é forma *popular*. Sabemos o que estes termos significam. Quem o não souber, consulte o dictionario, o de Moraes, ou outros.

Que quer, pois, significar o «Diario de Noticias», quando diz: *Ha quarenta anos*, lá n'uma sua secção? Serão simsenhorzinhos de cera, para offerter á Santa lá da casa, em cumprimento de alguma promessa?

Já sabemos. . . Ficaremos aguardando a resposta, para as calendas gregas.

Mas fizeram mal em querer brincar com uma coisa muito mais seria do que julgam. . .

Trata-se da vida da Nação e do que só póde elevar o patriotismo: o respeito pelo que constitue a Patria, e o exemplo d'esse respeito.

XX

A *duplicação* ou *geminção* das consoantes, dá-se sempre por motivo de uma *assimilação*. Mas póde ter uma de duas causas: ou é resultado de uma *affixação*, ou é resultado de uma *syncope*, que determinem aquella assimilação.

N'este ultimo caso, uma das consoantes representa a syllaba syncopada, como em *vella* (*vigilia*), ou em *fallar* (*fabulare* ou *fabulari*).

No primeiro caso, o da affixação, os prefixos que originam a geminação, são os prefixos *ad*, *ob*, *in* (*prep.* ou *adv.*) e *sub*, principalmente, e todos prefixos latinos.

Tratemos do prefixo *ad*. *Ad* dá ideia de *movimentação para*, *aproximação a* ou *de*, *adjuncção a*, etc.

As formas em que o prefixo é *ad*, ou as recebemos directamente do latim, ou são termos já creados dentro do portuguez, e cuja criação, ou for-

mação, imita a latina, podendo considerar-se não popular, mas erudita.

O phenomeno traduz-se pela passagem do phonema *d*, para o phonema *b*, *c*, *f*, *g*, *l*, *n*, *r*, *s* ou *t*, quando aquelle esteja em frente de qualquer d'estes.

Exemplos :

abreviar, acceder, acceitar, accelerar, accender, accen-
tuar, acclamar, acclimatar, accolher, accommodar, accordar, accrescer, accudir, accumular, addicionar, addir, additar, adduzir, affagar, affectar, affeçoar, afferir, afirmar, affixar, affligir, affrontar, affluir, exaggerar, agglomerar, agglutinar, aggravar, aggredir, aggregar, aggremiar, allegar, alliciar, alliviar, alludir, alluir, annexar, anniquilar, anotar, annuir, annullar, annunciar, apparecer, apparellhar, apparentar, appellar, appellidar, appender, appetecer, applicar, appoiar, appôr, apprehender ou apprender, appropinquar-se, appropriar, approvar, approximar, arrojar, arrostar, assemelhar-se, assentir, assimilar, assistir, attender, attentar, attenuar, atter-se, attestar, attingir, attrahir, attribuir, etc., etc.

*

Fixe-se a orthographia de *aplacar*, *aprazer*, *aprazar*, *acommetter* e *atribular*, onde a primeira consoante não apparece duplicada, porque o prefixo aqui não é *ad*, mas *a*, que é um *a* prothetico (e euphónico), junto a *placar*, *prazer*, *prazar*, *commetter* e *tribular*, termos vindos directamente do latim *placare*, *placere*, *placitare* (lat. barb.), *committere* e *tribulare*.

XXI

O exemplo de um termo, com geminação consonantal, por ex., é licção para outros, de differente categoria, que se lhe liguem. Assim, se *appôr*

tem dois *pp*, tem dois *pp* *apposição*, *apposto*, *apposito*, etc. Se *affim* tem dois *ff*, tem dois *ff* *affinidade*.

*

O vocabulo *affan* (ital. *affano*) tem dois *ff*, e *affanoso*, *affanosamente*, etc.

Atter-se tem dois *tt*, como *attinente*, etc.

Affazer e *affazer-se*, tambem teem duplicação consonantal.

*

Prefixado *ad* (= *a*) a radicaes de vocabulos já portuguezes, assume então a forma *a*, se o termo fôr, como a maior parte das vezes, de formação popular. Ou então o prefixo *a* vale como simples phonema prothetico, e euphonico. Em ambos os casos, não se nos pôde deparar a geminação consonantal.

Exemplos de prefixações meramente euphonicas: *apetrecho* (*petrecho*), *alampada* (*lampada*), *atribulação* (*tribulação*), *adivinhação* (*divinhação*, *divinationem*).

Mas este prefixo meramente euphonico, tem tambem a sua origem no *ad* latino; e é muito difficil classificá-lo de meramente euphonico, porquanto a preposição *ad*, ou *a*, quando empregada como prefixo, muda, por assim dizer, de categoria grammatical, e redundando em adverbio, com significação muito variada, de *modo*, *causa*, *motivo*, *fim*, *preço*, *posição*, *comparação*, *instrumento*, *meio*, *transformação*, *tempo*, etc., etc.

Graphe-se, pois, em conformidade do exposto: abafar, abainhar, abaionetar, abairrar, abaixar, abajoujar-se, abalançar-se, abalaustrar, abalisar-se, abalofar-se, abalroar, abalsar, abaluartar, abancar, abarcar, abaular, abespilhar-se, abiscoitar, aboccanhar, aboccar, abordar, abordoar-se, acalmar, acalorar-se, acamaradar, acampar, acantonar, acariciar, acarinhar, acasalar, acautelar, achinezar, aclarar, acolythar, acommetter, acompanhar, acondicionar, acontecer, acotovellar, adeantar, adelgaçar, adereçar, adextrar, adiar, adivinhar, adoecer, adoentar, adoidar, adormecer, adormentar, afadigar-se, afazendar-se, afeiar, aferrolhar, aferventar, afervorar, afiançar, afiar, afidalgar-se, afivellar, afogar, afogucar, aforar, aforçurar-se, aformosear, afrancezar, afreguezar, afrouxar, afrouxellar, afugentar, afundar, agarrar, agasalhar, agastar, agatanhar, ageitar, agigantar-se, agommar, agraciar, agradar, agrupar, ajuizar, alaranjar, aligeirar, alindar, alinhar, alinhavar, alojjar, alourar, amadornar, amadurecer, amaldicçoar, amalucar, amedrontar, amesendar-se, amesquinhar, amimar, amodorrar, amoldar, amollecet, amollengar, amolgar, anichar, apaniguar, apascentar, apatetar, apavorar, aperceber e aperceber-se, aperfeiçoar, aplacar, apoderar-se, apodrecer, apojar, apolear, apolentar, apontar, apontoar, apoquentar, aportar, aportilhar, aporguezar, apossar-se, apostar, apostemar, apostilhar, apoucar, aprazar, aprazer-se, apressar, apressurar, apromptar, aproveitar, atapetar, atarantar, atazanar, atempar, aterrorizar, aticar, atinar, atirar, atochar, atoleimar, atormentar, atrazar, atrellar, atribular, atroar, atrombar, atropellar, atufar, atulhar, aturar, e afeiçãoar (amoldar), aparentar-se (tornar-se parente), etc., etc., etc.

Continuaremos n'este ponto.

Quando os vocabulos começam pelo phonema *a* seguido de dois *rr*, ou de dois *ss*, é difficil, á primeira vista, dizer se o prefixo é *ad*, ou se é *a*; e

se este *a* é de origem proxima preposicional, ou se é um simples phonema prothetico, requerido por euphonia.

Assim, o verbo *assistir*, tem o prefixo *ad*, e o *d* foi assimilado ao *s*. Assim, para o verbo *assumir*, ou para o verbo *assentir*; e, analogamente, para o verbo *arrogar*.

No verbo *arremetter*, porém, parece ser o prefixo simplesmente euphónico, como em *acommetter*, por ex. O mesmo com muitos outros vocabulos. Mas, a geminação consonantal dá-se, sempre que se trate de *rr* ou *ss*, e não como no caso de *acommetter*, em que o *c* ficou singello.

Nos vocabulos que nos veem já feitos do latim, como *assentir*, *assistir*, *assumir*, e *arrogar*, o prefixo é *ad*. Nos que foram creados já no portuguez, o prefixo considera-se *ad*, às vezes, se são de formação erudita; e, sendo de formação popular, o prefixo considera-se *a*, quer o *a* preposição, quer o *a* meramente euphónico. Mas, repete-se, o duplo *r* e o duplo *s* apparecem sempre, porque o *r* se pronuncia sempre duro (*rr*) e o *s* sempre brando (*ss*), para que seja mantida a pronuncia dos phonemas iniciaes dos radicaes, a que vão juntos aquelles prefixos.

Em conclusão: o *r* e o *s* apparecem sempre geminados, em seguida ao phonema inicial *a*, quando este tenha valor de prefixo, e independentemente da natureza d'esse prefixo.

Portanto:

Arrogar, assentir, asseverar, assignalar, assignar, assistir, assumir, e arraigar, arranjar, arrazoar, arrebanhar,



arrecadar, arregaçar, arrear, arriar, arrematar, arremedar, arrendar, arrenegar, arrepender-se, arremessar, arremetter, arribar, arrimar, arrumar, arriscar, arrombar, arrostar, arruinar, arruir, assacar, assear, assemelhar-se, assenhorear-se, assentar, asserrilhar, assimilar, assoberbar, assombrar, assustar, etc.

XXIV

O phonema *v* nunca se duplica; nunca apparece geminado, na graphia.

Assim temos *advogar* onde o prefixo *ad* se mantém inalteravel, como de resto succede com quaesquer outros prefixos, em frente de *v*, como em *convocar* e *invocar*, e *advertir*, *adventicio*, *advento*, *advena*, *adverbio*, etc.

~~Raras vezes apparece assimilado, mas não geminado graphicamente, como em *averbar* e *avocar*.~~

O phonema *q* tambem nem sempre apparece geminado, na graphia, como em *adquirir*. Outras vezes, apparece, como em *acquiescer*, *acquisição*.

O phenoma *m* tambem se não duplica, por effeito do prefixo *ad*. Ex.: *administrar*, *admirar*, *admittir*, *admoestar*, etc., etc., e *adminiculo*, *admonitorio*.

Com o phomena *s*, temos *adscrever* e *adstringir*.

O phonema *j* tambem se não duplica. Ex.: *adjectivar*, *adjudicar*, *adjungir*, *adjurar*, etc., etc., e *ajudar* e *coadjuvar*.

E temos, por ultimo, o prefixo *ad*, em frente de sons vocalicos, como em *adaptar*, *adequar*, *adoptar*, *adorar*, *adornar*, *adherir*, etc., etc., e *coadunar*.

*

Quizemos, antes de tudo, tratar da geminação consonantal, apresentando os prefixos e por uma certa ordem. Mas não pensando só na geminação consonantal, trataremos n'uma das proximas lições, do prefixo *abs* ou *ab*, e d'outros assumptos.

XXV

As linguas, em geral, não se escrevem como se pronunciam. A lingua portugueza não se escreve como se pronuncia. Começa porque, para todas, o numero das graphias é sempre inferior ao dos phonemas. Em portuguez, ha vinte e tantas graphias; phonemas, ha muitissimos mais. E afóra outras razões.

As alterações phoneticas dão-se sempre muito rapidamente, no tempo e no espaço. E' a tendencia. São ellas a causa das alterações morphologicas. Mas estas reagem sobre aquellas. E, portanto, o processo de manter, ou de segurar a morphologia, é salutar para a conservação da lingua. Mantem-se, segura-se, aguenta-se a morphologia, fixando-a pela orthographia.

Resulta d'aquí que a graphia sonica é um erro, evidentemente: haveria tantas graphias quantos os fallares regionaes, e estariam constantemente a soffrer alteração, no tempo. Mas convem que o character da lingua, sobretudo onde ella seja uma das bases da nacionalidade, não se abastarde, não se diversifique.

E' o que poucos querem comprehender... A ignorancia é atrevida, mas é sobretudo fomenta-

dora do erro. Nascido o erro, ei-lo que se desenvolve no proprio terreno em que nasceu, e se multiplica, tornando-se quasi geral.

*

Mas, vamos. Concretizemos; exemplifiquemos.

Dever-se-ha pronunciar *militar*, tal como se escreve, *mi-li-tar*? Não. *Militar* pronuncia-se *me-li-tar*. Só com esforço se pronunciará *mi-li-tar*.

Ha uma lei: «quando, em portuguez, a vogal *i* apparece em duas syllabas seguidas, sendo a tónica, ou predominante, a segunda, o *i* da primeira syllaba toma o som do *e* mudo». Assim, *militar*, *vizinho*, *ministro*, etc, pronunciam-se *me-litar*, *vezinho*, *menistro*, etc. Tambem, como phenomeno identico, *privilegio* e *facilidade*, se pronunciam *previlegio* e *facelidade*. E' o phenomeno da *dissimilação*, determinado sempre pela lei do *minimo esforço*. . . Como seria possivel a *sonica*?

O que fica exposto não quer dizer, que, declamando, ou discursando, em estylo assás elevado (ou em casos muito especiaes), se não possa e se não deva até, pronunciar *mi-li-tar*; pois a lei é para o fallar corrente. Mas estar ao almoço, ao jantar e á ceia, a carregar muito n'estes *ii*, não é fallar o portuguez corrente, ou o portuguez de toda a gente.

Com os *ii* bem claros, pronunciam-se os exdruxulos: *rigido*, *vivido*, *sismico*, *cynico*, *sinico*, etc., etc.

E quem não notou ainda que *ceremonia* se pronuncia *cerimonia*? Pois deve escrever-se *ceremonia*!

E *facilidade* não é pronunciado *fa-ce-li-da-de*?
E'. E *gracilidade* não é pronunciado *gra-ci-li-da-de*?
E'. E porquê? Porque *gracilidade* foge à regra commum, por ser termo pouco vulgar, ou muito pouco empregado, assim um como termo domin-gueiro; e convem, portanto, accentuá-lo bem, em todas as suas syllabas. E tambem *sibylla* está dentro da lei acima formulada, e comtudo ninguem diz *sebylla*, e sim *sibylla*. Mas pela mesma razão, por que se diz *gra-ci-li-da-de*: por ser termo pouco vulgar, ou que menos se emprega no fallar do povo.

O vocabulo *Pyrenéos* ouve-se, muitas vezes, pronunciar-se *Pe-ri-néos*, em resultado de um phenomeno intitulado *metathese*. Outros pronunciam *Py-rinéos*, o que tambem é errado, pelo menos quanto à graphia.

O que se conclue de todo este arrazoado, é que ha leis, e que tambem ha excepções a essas leis, n'esta provincia da grammatica.

Mas são leis, que regem e mantem a morphologia, e portanto, a orthographia. Não é virem-nos por ahi com o *ano*, a *anistia*, o *govérno*, o *instrutor*, o *condutor*, o *éste*, o *déste*, o *dai*, o *dali*, o *daqui* e o *dacolá*, e quejandas asnidades, como só em um paiz de doidos.

*

A linguagem, e sobretudo a linguagem escripta, mantendo-se-lhe integra a estructura e o *facies* que lhe são caracteristicamente nacionaes, será mais amada, mais respeitada, e esse amor e esse

respeito reverterão á Patria, cuja base ella é, indubitavelmente.

E na linguagem deverão querer ver os governantes, a imagem da disciplina, pois sendo-o da indisciplina, contribuiria mais do que tudo, para a possível anarchia na mentalidade da nação. Disciplinada, seria o espelho de toda a Disciplina.

XXVI

O prefixo *abs* ou *ab*, significa *remoção, separação, afastamento, ablação, abstracção*, etc.

Emprega-se *abs* n'uns casos, *ab* em outros.

Emprega-se *abs*, antes de *c* ou *t*. Ex.: *absconso*, e *abscondito* (*abscondere*), *abscesso* (radical de *cedo*), *abster-se*, *abstinencia*, *abstemio*, *abstergencia*, *abstrahir*, *abstruso*, etc., etc.

Apparece *ab*, antes de outro phonema consonantal, incluindo o *i* (*i* consonantal), e antes de vogal. Ex.: *abdicar*, *ablação*, *ablegar*, *abluir*, *ablucção*, *abnegar*, *abrenunciar*, *abrogar*, *abrupto*, *abscissa* (radical de *scindo*), *absolver*, *absorver*, *absurdo*, *abjurar*, *abalienar*, *aberrar*, *abolir*, *abominar*, *aborrecer*, *abhorrir*, *abortar*, etc., etc. Em *aufferir*, o *b* de *ab* vocalizou-se. E o mesmo succedeu em *ausente*, *ausentar-se* (de *absens*). Em *afastar-se*, ou *afastar*, o prefixo é *abs* (*abs + stare*). Em *avocar*, o prefixo *ab* toma a forma *a*.

XXVII

Ob é um prefixo, de origem preposicional, e cuja significação é *fóra*, *por fóra*, *sobre*, *em volta de*, *por*, *por causa de*, *por meio* ou *instrumento de*, etc.

O *b* de *ob* é assimilado aos phonemas *c*, *f* ou *p*, que apparecem, portanto, graphicamente geminados. Ex.: «ocasião, occasionar, occaso, occidente, occiduo, occiput, oclusão, occorrer, occultar, occupar, offegar, offender, offerecer, offertar, officiar, offuscar, oppilação, oppôr, opportuno, opprimir, opprobrio, oppugnar, etc., etc.».

Em frente de *c* (= *s*), *d*, *j*, *l*, *n*, *r*, *s*, *t*, ou *v*, o *b* de *ob* permanece. Ex.: «obcecar, obdurar, objecto, objectar, objurgar, oblação, oblata, obliquo, obliterar, oblongo, obnoxio, obrepção, obrepticio, obrigar, obsceno, obscuro, obsecrar, obsequente, obsequio, observar, obsessão, obsessio, obsidente, obsidiar, obsoleto, obstaculo, obstar, obstetricia, obstinar-se, obstricção, obstringir, obstrucção, obstruir, obstupefacção, obtenção, obter, obtestar, obtundir, obturar, obtusangulo, obtuso, obvenção, obviar, obumbrar, obvio, obvir, etc., etc.».

Em frente de *m*, dá-se a assimilação do *b* de *ob*, porém não se grapha senão um *m*. Ex.: «omissão, omittir, omisso, omissivo», e exemplo unico, de radical começando por *m*, e a que se prefixe *ob*.

Ob, em frente de vogal, mantem-se. Ex.: «obedecer, oberar, obice, obito, etc., etc.».

O prefixo *ob* tem uma forma archaica, *obs*, assim como ha *ab* e *abs*, e é essa que se encontra em «ostensivo» e em «ostentação, ostentar, etc.», com a syncope do *b*.

Note-se a orthographia de «obfirmar», que constitue excepção.

E creia-se que o mesmo *ob* estará porventura em «optar, opção, optimo, etc., etc., etc.».

Um ponto: é ou não a linguagem um producto da lenta elaboração dos seculos, ou das gerações? E'. Então como tolerar n'ella quaesquer transformações *ab abrupto*?

Outro ponto: é ou não a linguagem um patrimonio commum a todos os cidadãos? E'. Então como tolerar n'ella quaesquer transformações decretadas por um cenaculo?

Mais este ponto: é ou não a linguagem uma instituição ou criação natural, onde, como em quaesquer transformações ou criações naturaes, não pôde haver saltos? E'. Como tolerar, pois, n'ella, quaesquer transformações que lhe destruam o *nexo*, a *graça*, a *força*, e a *homogeneidade* ou a *vida*?

*

Concretizemos. Não pôde (dizemo-lo, provamo-lo e sustentamo-lo) escrever-se, em portuguez, *directão* e *instrução*. Ha-de escrever-se forçosamente, *directão* e *instrucção*.

E porquê? Porque, segundo a primeira maneira, a graphia *instrução* perde o **nexo** com o radical morphologico que lhe pertence, ficando portanto sem **forma**; perde a **graça**, porque não lhe fica **forma**, nem **força**; perdera a **força**, porque, destruindo-se-lhe a **forma**, destruiu-se-lhe o **significado**; e perde a **homogeneidade** ou a **vida**, porque, onde não haja **forma**, nem **força**, nem **graça**, em qualquer sentido que seja, perdem-se os caracteres todos da **homogeneidade** ou da **vida**. Logo, o vocabulo *instrução*, não tem **vida**; e porque não tem **homogeneidade**, nem **significado**.

E note-se: em *direcção*, não está o *c* a mais, a seguir ao *e*, **para** que o *e* resulte aberto; **por** o facto de lá estar esse *c*, é que o *e* resulta aberto; não ha, pois, aqui, um **para**, mas um **por**. Não ha necessidade de lhe deixar alli um *c* para que o *e* resulte aberto; aliás, para pronunciarmos *tela*, *vela*, *completo*, *impleteo*, e *repleteo*, por ex., teriamos necessidade de collocar lá tambem um *c*, ou um *p*, ou um outro *l* ou *t*, ou um gafafunho qualquer, a seguir ao *e*. O duplo *c* de *direcção* existe, porém, desde a primitiva, porque pertence o seu primeiro elemento, ao radical d'este vocabulo, que é *directum*, derivado de *rego*, com o seu supino *rectum*. Ora, pela mesma razão porque de *directio*, *onis* se formou o portuguez *direcção*, se formou analogamente *instrucção*, de *instructio*, *onis*, que se liga a *instruo* com o supino *instructum*, derivado de *struo*, com o supino *structum*. Percebe-se bem este ponto? O duplo *c* de *instrucção* está pela mesma razão do duplo *c* de *direcção*. E se o duplo *c* de *direcção* tem por effeito o dar ao *e* um som aberto ou *alto*, essa *altura* do som é-lhe determinada pela sua *intensidade* ou *alongamento*, *intensidade*, ou *alongamento*, que existe tambem na vogal *u* de *instrucção*, e por effeito do mesmo duplo *c*. Mas a consideração da *intensidade* do som, merece ser tão attendida, como a da sua *altura*: logo o duplo *c* de *instrucção* tem de ser conservado como o duplo *c* de *direcção*.

Dizer-se que se tire o *c* a *producto*, para ficar *produto*, e que se não tire o *c* a *directo*, para ficar

direto, porque *direto* se não poderia pronunciar *di-rê-to*, é patetice e é falso, porque *direto* pôde bem passar sem *c* e sem accento agudo, para se pronunciar como é de uso corrente, pois também *completo*, sem *c* e sem accento, se pronuncia muito bem, com licença dos padres-mestres, *com-ple-to*. Tirem, tirem também o *c* a *directo*; tirem, tirem, não façam cerimonia, e vejam se lhe podem tirar ainda mais alguma coisa, o *i*, por exemplo, para ficar *dreto*. Eureka! *Dreto, dreto!* Nova forma philologica, inventada pelos *grrrrrandes* philologos lusos, glottologos, caturras, nephelibatas, anarchistas e revolucionarios *fim de seculo!* E' entrar! senhores, é entrar! para ver quem inventa mais e melhores *preciosidades*, para enlevo e *instrucção* (!?!!) das gentes!... Caramba! porque nós vamos na senda do Progresso, e o Progresso não é uma palavra vã. Sómente, quando já não fallassemos portuguez, não sabemos com que direito nos chamariamos ainda Portuguezes.

XXIX

Quando já não fallassemos portuguez, não sabemos com que direito nos chamariamos ainda Portuguezes: isto dissemos. Não dissemos, quando já não escrevessemos portuguez; mas, quando já não fallassemos portuguez. E porquê? Porque as alterações na orthographia, ou melhor, na *graphia*, originariam alterações na phonetica, ou precipitariam as alterações phoneticas.

Assim, escrevendo-se *corrução*, *corruto*, *anistia*, e quejandos disparates, estes vocabulos pas-

sam a pronunciar-se por modo diverso do actualmente seguido. Hoje ainda, todos pronunciam o *p* ou o *m*, nos termos *corrupção*, *corrupto*, e *amnístia*. Agora, quem escrever *anístia*, ou quem ler *anístia*, é que já lhe altera, é claro, a pronuncia. Logo, pela alteração orthographica, determina-se uma alteração phonetica, a par da morphologica, quando exactamente o principal fim da orthographia era o fixar a phonetica e a morphologia, dentro dos naturaes ou racionaes limites.

Se alguém ha que actualmente pronuncie *anístia*, *corruto* e *corrução*, é porque já tem sido influenciado pela graphia erronea d'estes vocabulos.

Ora, isto, que é muito, que é tudo, podendo determinar de per si, não diremos a formação de um verdadeiro dialecto, mas o estabelecimento de um verdadeiro chaos, é ainda accrescido com uma invasão de barbarismos sem conto, no esporte (aqui vae um!), nas modas, nas sciencias, nas artes e nas industrias, e com um diluvio impertinente de neologismos desnecessarios, como *tendencioso*, por *assintoso*, ou *pretencioso* ou *insinuativo*; *solucionar*, por *resolver*; *reportagem*, por *informação* ou *narracão*; *homenagear*, por *festejar* ou *victoriar* ou *ovacionar*, etc., etc.; do que resulta tornar-se o chaos absolutamente inextricavel, e rechassar, virtualmente, para 4.000 annos atraz, a existencia do nosso pobre (e que tão rico era) idioma nacional... Seremos nós, provavelmente, que galguemos esses 4.000 annos.

Mas de quem parte o exemplo, d'este desrespeito pelo idioma nacional? Dos nossos homens de

sciencia, e dos nossos homens de Estado... De quem parte o exemplo, ou de quem é a culpa, das nossas gerações mais proximas (se não lhe accodem a tempo) virem a ter *uma boa lingua de trapos*? Dos nossos homens de sciencia, e dos nossos homens de Estado... *Arcades omnes!*

Pois, revejam-se na sua obra!... E que não seja *Arcade*, o futuro ministro da Instrucção Publica, em Portugal, mas um homem com competencia, character, independencia, energia e patriotismo.

*

Aos tres flagellos citados, e que veem a ser, a *tortographia*, o *barbarismo* e o *neologismo*, accresce ainda um quarto, o *chulismo*, ou o emprego de palavras *chulas*.

Nas salas, nas ruas, nas escholas, por toda a parte, está em voga o mais baixo calão das viellas, isto na actualidade, no anno de 1913... Pela bocca das meninas da *alta*, ainda ha pouco nos paços da realleza, e agora certamente nas salas da nossa melhor roda, falla-se em *massa*, em *chatice*, em *pifio*, em *bola*, em *ora bolas*, em *moina*, em *sercomido*, em *gajo*, em *tropa*, como na rua ou nos cafés. Cremos que de todos os quatro flagellos, o primeiro, que é a *tortographia*, a não ser extirpado muito brevemente, ha-de perduravelmente impedir o extirpamento efficaz dos outros tres.

Pois tudo se conjuga. Pois desprezada a linguagem pelos que mais d'ella deveriam cuidar, natural é que o *vulgum pecus* d'ella não cuide tambem... Sua alma, sua palma.

XXX

A preposição latina *cum*, em portuguez *com*, emprega-se muito como prefixo. Mas já em latim, quando prefixo, tomava a forma *com*, às vezes.

Significa *companhia*, *simultaneidade*, *concomitância*, etc.

Como *m* é uma voz nasal *labial*, o prefixo mantém a forma *com*, quando o radical do composto começa por explosivo (phonema) *labial* (*b* ou *p*), ou por *m*.

Assim:

Combater; combinar; comburencia, combustão; compadecer-se; companhia, companheiro; comparação, comparar, comprar; comparecer; compaixão, compassivo; participar, participepe; compartilhar; compassar, compasso; compatriota, compatricio; compellir, compulsão; compendio, compendiar; compenetrar-se; compensar; competir, compilar, compilação; completo, completar; complexo, complexão; compleição; complicar; compôr; comporta; comportar-se; comprazer, complacencia; comprehender, comprehensão; comprimir, compressa; comprometter, compromisso; comprovar; computar; cumprir, cumprimento, cumpri:mentar, comprimento; cumplice; commandar, commando; commenda; commemorar; commensuravel; commentar; commercio, commerciar; commetter; comminar; commiseração; commodo; commover, commoção; commum; communa; commungar, communhão; communicar; commutar, etc., etc., e *respectivos derivados*.

XXXI

Em frente das gutturaes *c* e *g*, e das dentaes *d* e *t*, o *m* (labial) passa a *n* (dental).

Assim:

Concatenar; concavo, concavidade; conceber, concepção, conceição; conceder; conceito, conceituar; concele-

brar; concentrar; concernir; concertar; conchegar; conciliar, concílio, concelho; concionar; concisão, conciso; concitar; concluir, conclusão; concordar; concorrer, concurso; concreção, concreto; concubina; concubito; concupiscencia; concussão; congelar; congenito; congestão, congestionar; conglobar; conglomerar; conglutinar; congratular-se, congratulação; congresso; congruo, congruência, congruente; condecorar; condemnar; condensar; condescender; condigno; condimento, condimentar; condiscipulo; condizer; condoer-se, condolencia; conduzir, condução; contacto; contemporizar; contencioso; contender, contensão; conter, continência, continente, conteúdo; conterraneo; contestar, contestação; contexto; contiguo; contingência, contingente; continuo, continuar; contornar, contorno; contrahir; contracção; contribuir; contristar; contrição, contrito; contundir, contusão, etc., etc.

XXXII

Em frente das fricativas *f* e *v*, e da semi-consoante *j*, o *m* passa a *n*.

Assim:

Confabulação; confederação; confecção, confeição, confeccionar; conferir, conferição, conferencia; confessar, confissão, confesso; confiar, confiança; configuração; confim, confinar; confirmar; confiscar; conflagração; conflicto; confluir, confluencia; conformar; confortar; confranger, confrade, confraria, confraternizar; confrontar; confundir, confusão; confutar; convalescer, convalescença; convellir, convulsão, convulsionar; convenção, convenio, convencionar, convento; convencer, convicção; convergir, convergencia; conversar; converter, conversão; convexo; convicio; convidar; convir; conviver; convocar; conjugar, conjuge; conjunctivo; conjurar-se, conjuração, etc., etc.

XXXIII

Em frente da nasal dental *n*, e da sibilante *s*, o *m* passa a *n*.

Assim:

Connexo, conexão; connectivo; connivencia; connubio; consagrar; conscripção, conscripto; conseguir, conseguimento, consecução; conselho; consentir, consentimento, consenso, consentaneo; conservar; considerar; consignar; coexistir; consolar; consonancia, consonante, consoante; consoar; consorte; conspicuo; conspurcar; constar; constatar; consternar; constipar; constituir; constringir, constricção; construir, construcção; consubstanciar-se; consueto, consuetudinario; consultar; consul; consumir, consumição, consumpção, consuão; consummar, consummação, etc., etc.

*

Em frente de *q**, dá-se o mesmo que em frente de *c*: o *m* passa a *n*.

Assim:

Conquista, conquistar; conquassivo, etc., etc.

XXXIV

Em frente de *l* e de *r* (liquidas), dá-se a assimilação total e progressiva.

Assim:

Collaborar; collação; collar; collaço; collapso; collateral; collegio, collega; collidir, collisão; colligar-se, colligação; colligir, collecção, collecta; collocar; colloquio; corregedor, corregedoria; correlação, correlacionar; corresponder, correspondencia; corrigir, correcção; corroborar; corroer, corrosão; corromper, corrupção, corrupto, corruptela, etc., etc.

XXXV

Em frente de som vocalico, aspirado ou não aspirado, o prefixo, de que vimos tratando, perde a nasalização final, phenomeno que em grammatica toma o nome de *ecthlipse*.

Assim:

Colhabitar; coherdar, coherdeiro; coherencia, coherente, cohesão; colibir; cohobação; cohonestar; cohorte (côrte, cõrte); coagir, coacção; coadquirir, coacquição; coadjuvar; coadjutor; coadunar; coagmentar, coagmentario; coagulo, coagular (coalho, coalhar); coalescencia; coaptação; coarctar, coarctação; coefficiente; coempção; coesencia; coetaneo; coeternidade, coeterno; coevo; coexistir, coexistencia; coincidir, coincidencia; cooperar; coopinar; cooptar; coordenar, coordenação, etc , etc.

XXXVI

Na formação dos compostos, chamados imperfeitos, por ainda se não haverem bem soldado os elementos formativos, *com* apparece, muitas vezes, sujeito ao *ecthlipse*.

Assim: *co-auctor*, *co-auctoria*; *co-inicio*, *co-inicial*; *co-obrigar-se*. Mas tambem se poderá escrever: *coauctor*, *coauctoria*.

Não se pôde, porém, escrever *coréo*, nem *cor-réo*, por estar a primeira forma fóra da regra, e por ser confusa a segunda. Os Latinos escreviam e pronunciavam *conreus*. Nós devemos escrever *co-réo*.

Coinicio e *coinicial* tambem não pôde escrever-se, pelo resultado a que se chega, do diphthongo *oi* na primeira syllaba. A menos que se não ponha

o trema no *i*, para destruir o diphthongo. Mas deve fugir-se ao uso do trema.

*

Em frente de *g*, seguido de *n*, *com* toma a forma *co*.

Assim: *cognação*, *cognato*; *cognição*, *cognito*; *cognoscível*; *cognome*, *cognominar*.

XXXVII

Em *compadre* e *compadrio*, segue-se a regra geral; em *comadre* e *comadrio*, a preposição *com* passa á forma *co*. Também *com* perde a nasalização, em *comedir-se*, *comedimento*, etc.

Comboio, do fr. *convoi*, forma-se de *com* e *voie*.

Conde vem de *comes*, *itis*, de *cum* ou *com* e o radical de *itum*, de *eo*, *is*, *ire*, *ivi*, *itum*; ou, o que é o mesmo, do radical do supino de *comeo* ou *coeo*.

Comitiva, do radical do supino de *comeo* ou *coeo*.

Concomitancia, do lat. *concomitantia*, de *com* e *comitari* (*cum* + *itari* ou *itare*, frequentativo de *eo*, *is*, *ire*).

Cumprimento, de *compleo*, de *cum* e *pleo* (*pleo*, *es*, *ere*, *evi*, *etum*). As formas *comprimento* e *cumprimento* são idênticas, morphologicamente; mas *comprimento* emprega-se com a significação de *extensão*, e *cumprimento* com a de *saudação*, ou a de *execução*, ou de *preenchimento*.

Cunhado, do lat. *cognatus*.

Comparsa, do italiano *comparsa*.

Comborça, de etymologia não bem apurada, mas parecendo conter o prefixo *com*. Empregou-se tam

bem no genero masculino, *comborço*. Talvez corruptela de *compos*, *otis*, de *com* e *potis*.

Condição, de *conditio*, *onis*, de *condo* (*cum* + *do*).

XXXVIII

Concelho e *concilio*, formas divergentes de *concilium*, por *concalium*, de *cum* e *calo*, *as*, *are*, (chamar, convocar). Não confundir, graphicamente, *concelho* e *conselho*. *Conselho*, do lat. *consilium*, de *cum* e *salium*, de *salio*, *is*, *ire*.

Compita, forma popular, por *competencia*, *concorrencia*.

Compota, do fr. *compote*, do lat. *composita*.

Consoada, de *consonata*, *com* e *sonare*.

Congrua, de *congruo*, de *cum* e do radical de *gruo*, *is*, *ere*.

Congosta, de *cum* e *angusta*.

Coerção, de *coertio*, *onis*, de *coerceo*, de *cum* e *arceo*, *es*, *ere*.

Conluio, e *conluir*, de *collusio*, *onis*, de *coludo*, de *cum* e *ludo*, *is*, *ere*, *usi*, *usum*.

Commigo, *contigo*, *comsigo*, *comnosco*, *comvosco*, de *com* e *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, de *me-cum*, *tecum*, *secum*, *nobiscum*, *vobiscum*, (de *me*, *te*, *se*, *nobis*, *vobis*, e *cum*).

XXXIX

Começar, de *com* + *iniciar* (*iniciari*).

Colher, de *colligere*, de *cum* + *legere*.

*Combali*r, de *convellir* (*convellere* = *cum* + *vello*).

Cobrir, de *cooperire* (*cum* + *operio*, de *ob* ou *o* + *pareo* ou *pario*).

Coser, de *consuere*, de *cum* ou *com* + *suere*.

Cozer, de *coquere*, de *com* ou *cum* + *aqua*.

Comer, de *comedere*, de *cum* + *edere*.

Copiar, de *copia* (lat. *copia*, de *cum* ou *co* + *opia*, corrupção de *ops*, *is*, sing. de *opes*, *um*).

Cofiar, de *com* e o radical de *fio* ou *fiar*.

Conhecer, *cognoscere*, de *cum* e *gnoscere*.

Contar, de *computare*, de *cum* e *putare*. *Contar*, tanto na accepção de *enumerar*, como na de *narrar*.

Coallição e *coalliciar-se*, de *coallitio* e *coallicere*, de *lacio*, *is*, *ere*, *lacui* ou *lexi*, *lacitum* ou *lectum*, e das preposições *cum* e *ad*.

XL

O suffixo mais usado para a formação dos *diminutivos*, é *inho*, *inha*, *inhos*, *inhas*. Provem do latim, *inus*, *ina*, *inum* (*suff. adj.*).

Assim, temos: *prato*, *pratinho*; *pedra*, *pedrinha*. Mas tambem se diz, *prato*, *pratozinho*; *pedra*, *pedrazinha*.

Isto é, ou se junta *inho*, *inha*, ao radical do vocabulo, ou se deixa o vocabulo intacto, com a desinencia de genero, intercalando-se o phonema *z*, a que se chama *epenthetic*, ou *euphonic*.

No plural, junta-se *inhos*, *inhas*, ao vocabulo, já pluralizado. Assim: *aldeãosinhos*, *coraçõezinhos*, *cãesinhos*, *pratozinhos*, *pedrasinhas*, *reisinhos*, *boizinhos*.

Ha excepção para os nomes cujo plural é em *ns* ou em *es*. Assim: *homem*, *homemzinho*; *homens*, *homenzinhos*; *mulher*, *mulherzinha*; *mulheres*, *mulherzinhas*.

Alferes (*sing. e plur.*) faz *alferesinho*, *alferesinhos*.

XLI

No artigo anterior dissemos, que, em geral, na formação do plural dos *diminutivos*, se eleva primeiramente ao plural o vocabulo *primitivo*, e se lhe aggrega depois o *suffixo*, tambem pluralizado. Assim é; tal é a regra, como se nota bem em os nomes terminados em *ão*, como *leão*, que faz *leãozinho*, e *leões*, *leõesinhos*.

Ora, segundo o mesmo criterio, *pratozinho* tem o plural *pratosinhos*. Parece, com effeito, que o *suffixo inho* tem uma como origem adjectival, e que o vocabulo *pratozinho* vale como um verdadeiro *composto*, em que ambos os elementos são susceptíveis da declinação de numero.

Muito bem. Agora, note-se: supponha-se que o vocabulo *pratosinhos* deva dividir-se em syllabas, por não caber, por exemplo, n'uma mesma linha. Dividir-se-ha de duas maneiras distinctas. Primeiro, em syllabas *morphicas*: *pra-tos-i-nhos*; ou em syllabas *phonicas*: *pra-to-si-nhos*. Mas, como esta divisão *phonica* não concorda com a *morphica*, recorreremos a um expediente, que consistirá em graphar *pratozinhos*, que se divide sempre, assim: *pra-to-zì-nhos*, e em que se considerou o vocabulo pluralizado só no seu *suffixo*, como succede com *homenzinhos* e *mulherzinhas*.

Portanto, em conclusão, é indifferente escrever *pratosinhos* ou *pratozinhos*. Ambas as formas são legitimas, e ficaram já bem explicadas.

O que não póde escrever-se é, por exemplo: *pratosinho*, e *cãezinhos*.

*

Note-se a graphia do adj. *sózinho*, *sózinha*, *sósinhos*, *sósinhas*, podendo estas formas pluraes escrever-se tambem *sózinhos* e *sózinhas*. No singular é que não póde haver *s*, mas *z*.

XLII

Com os suffixos diminutivos *ito*, *ita*, *itos*, *itas*, e com os augmentativos *ão*, *ona*, *ões*, *onas*, e *arrão*, *arrona*, *arrões*, *arronas*, passam-se as mesmas voltas que com os suffixos *inho*, etc.; isto é, ha intercalação da sibilante sonante, ou branda, *z*, quando necessario para a euphonia.

Exemplos: *canito*, *canitos*; *cãozito*, *cãesitos*; *florita*, *floritas*; *flórzita*, *flórzitas*; *boizito*, *boisitos* ou *boizitos*; *mesita*, *mesitas*; *cãozão*, *cãesões*; *casão*, *casões*; *raparigona*, *raparigonas*; *mauzão* (adj.), *mausões*; *mázona* (adj.), *másonas*; *homemzarrão*, *homemzarrões*, etc.

Note-se a orthographia e a orthoepia de *canzarão*, *canzarrões*.

Usam-se tambem outras consoantes epentheticas, ou euphonicas, como em *rapagão*, *rapagões*, e *casarão*, *casarões*.

XLIII

Os nomes proprios, ou de baptismo, e os appellidos, não póde cada qual escrevê-los a seu gosto, porquanto pertencem ao fundo geral da lingua, que é commum a todos, ou patrimonio ou propriedade de todos os que a fallam e escrevem.

Os appellidos (substantivos proprios) teem todos origem em substantivos communs, quer d'isto haja evidencia, quer não.

Ferreira é o feminino de *ferreiro*: o *Manuel da ferreira* (a esposa do ferreiro) passou a chamar-se *Manuel Ferreira*. *Pontes*, *Fontes*, *Porto*, *Braga*, *Saraiva*, *Lobo*, *Coelho*, *Rato*, *Gato*, *Leão*, *Bello*, *Feio*, *Mattos*, *Pereira*, *Figueira*, *Figueiras*, *Figueirôa*, *Figueirinhas*, *Figueiró* e *Figueiredo*, etc., vê-se bem que são sahidos de nomes (subs. ou adj.) communs.

Não assiste pois o direito, a um *Lobo*, de assignar-se *Lobbo*, nem a um *Souto*, de assignar-se *Soutto*.

Tocar na orthographia da lingua, adulterando-lhe a morphologia, é attentado que não é permitido, nem aos particulares, nem a ninguem. Se o Estado ultimamente o praticou, com a nefasta pseudo-reforma (de 1914) para os documentos officiaes, praticou simplesmente um erro, ou um abuso... de que, por emquanto, e infelizmente, não parece disposto a arrepender-se.

Nos nomes appellidos tolera-se, portanto, ou a orthographia correcta da linguagem, ou qualquer forma archaica, e defensavel, quando os appellidos sejam tambem antigos. Uma antiga familia ha, que se assigna *Sylva*. Está bem, porque *Sylva*, é forma, embora archaica, portugueza. Está no caso de *Maistre* (*Xavier de Maistre*) forma archaica de *maitre*.

Nomes como *Rui* e *Jaime*, não devem escrever-se com *y*, porquanto tal *y* não tem lá razão de

ser. O *y*, só em nomes de origem grega, como *Dionysio e Porphyrio*, por exemplo.

Os nomes de origem estrangeira, como *Hintze, Schroeter, Resende*, quer recentes, quer antigos em Portugal, é que se escrevem ora com orthographia exotica, como *Schroeter*, ora com graphia aporтугuezada, como *Resende*.

Note-se, por ultimo, que ha, excepcionalmente, um ou outro nome, que foge a todas as regras, como *Pyrrait* (de origem antonomastica), *Stromp* (idem), *Cordon* (corrupção de *Cordão*), *Aillaud* (corrupção de *Alho*), etc.

XLIV

Do latim *straneus* ou *extraneus* (formas analogas a *spontaneus* e *consentaneus*, por ex.) formou-se *extranearius*, d'onde o portuguez *estranjeiro*.

A base de *extraneus* é *extra*. Cf. as formas *estranhar* e *entranhar*.

Em francez *estranjeiro* diz-se *étranger*, em cast. *extranjero*, em ital. *straniero*.

Em latim, *estranjeiro* dizia-se *extraneus* e *extrarius*, além d'outros vocabulos.

XLV

(*traho, is, ere, traxi, tractum*)

Os seguintes vocabulos pertencem á familia do radical de *traho* ou de *tractum*. Grapham-se, como segue, segundo o uso:

Tratar, tratante, tratador, tratamento, tratavel, intratavel; retratar, retrato, retratista; trazer; tracto; tracção; tractil (*grav.*); tractado, tractadista; traçar, traço, traçado, tracejar, traça; trajar, trajo; abstrahir, abstracção,

abstracto, abstractivo; attrahir, attracção, attractivo; attreito; contrahir, contracção; contracto, contractar, contractante, contractador, contractual; detrahir, detracção, detractor, detractivo; distrahir, distracção; extrahir, extracção, extractor; extracto, extractar; protrahir, protrahimento; retrahir, retracção; retrahir-se, retrahimento; retractar-se, retractação; subtrahir, subtracção, subtrahendo, subtractivo etc., etc.

* Note-se que todos estes verbos, derivados de um *trahir*, que não existe senão virtualmente em portuguez, teem o participio passivo regular: *atrahido, contrahido*, (ou *contracto*), etc.

*

(*trado, is, ere, tradidi, traditum*)

Vejamos este grupo:

Trahir, traição, traidor; traioeiro, atraiooar; tradição tradicional, tradicionalismo, tradicionalista; extradição extraditar.

*

(*jungo, is, ere, xi, junctum; jugo, as, are, aci, atum*)

Vejamos como, segundo o uso, se grapham os vocabulos d'este grupo:

Jungir: junto (*adj. e adv.*); junta (*subs.*); juntamente; juntar; ajuntar, ajuntadouro ou... oiro, ajuntadeira; ajuntamento; jugo, jugada; jogar: jugular (*adj.*); junção; adjungir, adjuncto, adjuncção; conjugar, conjugação; conjuncção, conjuncto (*adj. e subs.*), conjunctamente, conjunctura; conjugavel, inconjugavel; conjuncional; conjunctivo (*gramm.*); conjunctiva (*anat.*), conjunctivite (*med.*); conjugue, conjugal, conjugalmente; disjungir, disjuncto (*part.*), disjunctamente, disjuncção, disjunctivo; injungir, injuncção, injunctivo; subjunctivo (*gramm.*).

*

(*Raiz div: Deus, Dei: dies, diei, etc.*)

Numeroso é tambem este grupo:

Deus; deismo, deista; theismo, theista; divo (*poet.*); diva (*poet.*); deusa; deia (*poet.*); diva (*ital.*); divindade;

divinal, divino: divinizar, divinização, divinizavel, divinizante; semi-deus, semi-deusa: theologia, theologo; adivinhar, adivinhação; divinatorio; adivinho; adivinha (*bruxa; charada*); monotheismo, monotheista; polytheismo, polytheista; pantheismo, pantheista; atheismo, atheista *ou* atheu; Jupiter; Jove; Jano; Juno; Diana; Dioscuros; dia, diario (*adj. e subs.*), diaria (*adj. e subs.*); diurno; jornal; jornada; jornadaear; jorna; jornaleiro; jornalista, jornalismo; jornaleco (*pop.*); adiar, adiamento, adiavel, inadiavel; diurno, diurnidade; quotidiano, quotidianamente; janua (*obsol. poet.*); janella, janelleiro; Janeiro; Junho; Janeirinha (*pop.*); janeira (*pop.*); janeiroiro (*pop.*); adens (*interj.*).

XLVI

De uma mesma raiz sahem muitos termos para a lingua. Por exemplo, da raiz de *facio, is, ere, eci, factum*, sahem todos os seguintes vocabulos:

Facto; feito (*adj. e subs.*); fazer; feitura; fazenda; fazendeiro; façanha; façanhudo (*pop.*); facção; faccioso; facciosismo; feição; afeição (*amoldar*); feitio; fecha (*data*); fechar; fecho; fechadura; feita (*d'esta feita...*); face; facial; facies (*voc. lat. : em port. m.*); faceta; facetar; facho (*archote*); fachada; facha (*pop.*); desfaçatez; facecia (?); faceto; facinora; facinoroso; facsimile; factotum; factura; facturar; manufactura; manufacturar; facticio; factivel; fautor; feitor; feitoria; factor; facil; facilmente; facillimo; facilidade; facilitar; facultar; faculdade; facultativo; affecto; affectivo; afeição; affectuoso; afeição-se; affecto (*adj. e subs.*); affectar; affectado; affectação; affectar; affecção; infectar; infecção; infecto; infeccioso; affazer-se; afeito; affazer (*subs. gall.*); affan (*ital.*); affanoso; affanosamente; afficionado (*hesp.*); desfazer; desfeito (*part.*); meia-desfeita (*subs. pop.*); desfeita (*subs.*); desfeitear; defecção (*derrota, abandono*); defeito (*subs.*); defeituoso; defectivo (*gramm.*); difficil, difficilmente; difficillimo; difficuldade; difficultar; contrafazer; contrafacto; contrafacção; contrafazer-se; contrafeito; contrafeição; confeito (*subs.*); confeiteiro; confeitaria; confecção; confeição; confeccionar; confeccionamento; effeito; effectuar; effectivo; effectivar; effectiva-

ção; effectividade; perfazer; perfeito (*adj. part.*); perfeição; aperfeçoar; aperfeçoamento; perfectivel; perfeito (*subs.*); prefeitura; refazer; refeito (*part.*); refactura; refazer-se; refeito (*part.*); refeição; rectorio; efficiente; coefficiente; sufficiente; sufficiencia; deficiencia; deficiente; deficit; efficaz; efficacidade; inefficaz; beneficio; beneficiar; benefico; beneficemente; maleficio; maleficiar; maleficio; maleficamente; beneficencia; beneficente; bemfazejo; maleficencia; maleficiente; malfazejo; bemfeitor; bemfeitoria; behetria (*arch.*); malleitor; malleitoria; officio; officiar; officioso; officialmente; officialidade; officina; officinal; orificio; sacrificio; sacrificar; beatifico; beatificamente; mirifico; mirificamente; artefacto; artifice; pontifice; simplificar; simplificação; rectificar; rectificação; ratificar; ratificação; lubrificar; lubrificação; mystificar; mystificação, etc.; estupefacção; estupefacto; estupefaciente; liquefazer; liquefacção; liquefacto ou liquefeito; putrefazer-se; putrefacção; putrefacto; rarefazer; rarefacção; rarefacto ou rarefeito; satisfazer; satisfacção; satisfactorio; satisfactoriamente; satisfeito; torrefazer; torrefacção; torrefacto; tumefazer-se; tumefacção; tumefacto; obstupefacção, etc.

XLVII

Álem dos termos já citados, a pag. 13, e que vulgarmente apparecem deturpados na imprensa, quer do livro, quer do jornal, muitos outros ha em egualdade de circumstancias, occorrendo-nos ainda os seguintes:

ERROS	EMENDAS	ERROS	EMENDAS
ultraje	ultrage	collosso.	colosso
hereje	herege	collosseo.	colosseo
lojista	lojista	collossal	colossal
larangeira ..	laranjeira	phleugma.	phleuma
lisongeiro. . .	lisonjeiro	phleugmatico	phleumatico
advinhar. . . .	adivinhar	diminutivo. . . .	diminutivo
adquar	adequar	constitutivo. . . .	constitutivo
itenerario . . .	itinerario	distributivo. . . .	distributivo
estrichinina .	strychnina	Dyonisio	Dionysio
obulo.	obolo	Thiago	Tiago

Recommenda-se ser muito conveniente prestar toda a attenção a estes erros e emendas, sobretudo áquelles que pretendam escrever orthographicamente, com desprezo de todos os systemas tortographicos.

XLVIII

Prefixos

A (*prep.*): *avocare*: avocar; **ab**: *ablatio*: ablação; **abs**: *abstrahere*: abstrahir; **ad**: *addere*: addir; **a**: *acalmar*; aplacar; aprazer-se; agradar; amoldar; **a**: (*priv.*) *amorpho*; apetaló; **æqui**: *æquinoctium*: equinoccio; **ante**: *antecedere*: anteceder; **anti**: *antipathia*: antipathia; **bi**: *bipartir*; bioxydo; bichloreto; **circum**: *circumscribere*: circumscrever; *circumdare*: circumdar; **cis**: *cispadanum*: cispadano; **contra**: *contraponere*: contrapôr; **cum**: *compellere*: compellir; *cohibere*: cohibir; *com*: *comprazer*; condizer; *co*: *coadaptar*; *cohonestar*; **contro**: *controversia*; controversia; **de**: *deceptio*: decepção; *de*: *decabir*; *des*: *descahir*; **dis**: *disponere*: dispôr; **di**: *dividere*: dividir; *des*: *desfazer*; *desdizer*; **ex**: *explicare*: explicar; *exstirpatio*: extirpação; *es*: *espalliar*; **e**: *enumerare*: enumerar; *elucidare*: elucidar; **extra**: *extrahere*: extrahir; **in**: *infundere*: infundir; *em* ou *en*: *embravecer-se*; *encolerizar-se*; **in** (*adv.*): *infortunium*: infortunio; **inter**: *interpretatio*: interpretação; *entre*: *entremetter-se*; **intra**: *intramuranus, a, um*: intramurano; **intro**: *introspectare*: introspectar; **intus**: *intuitus, us*, intuito; **juxta**: *juxtaponere*: juxtapôr; **multi**: *multiplicare*: multiplicar; **ob**: *objectus, us*: objecto; *obedientia*: obediência; **o**: *omittere*: omitir; **per**: *perjurare*: perjurar; *perscribere*: perscrever; *por*: *porvir*; **post**: *postponere*: pospôr; **præ**: *præsiedere*; presidir; *præscribere*: prescrever; **præter**: *præterire*: preterir; **pro**: *promittere*: prometter; **proto**: *protoplasma*; protagonista; **re**: *retribuere*: retribuir; *repertorium*: repertorio; *re*: *retomar*, *refazer*, *redizer*; **retro**: *retrogradus, a, um*: retrogrado; **se**: *secessio*; secessão; *secretio*: secreção; **sub**: *subsidiium*: subsidio; *supplicium*: supplicio; *so*: *soerquer*; **subter**: *subterfugium*: subterfugio; **subtus**:

subtusponere: sotopôr; **super**: *superfluus, a, um*: superfluo; **supra**: *supradictus, a, um*: supradicto: sobredito; *sobre*: sobrestar; **trans**: *transferre*: transferir; *trás*: Trás-os-Montes; *tras*: traspasar; *tres*: trespassar; **tri**: tripartir; **ultra**: *ultramontanus, a, um*: ultramontano; **uni**: *uniformitas*: uniformidade. Ha mais: **mono**: *monologum*: monologo; **poly**: *polygraphus*: polygrapho; **hypo**: hypophosphito; **hyper**: hypercritico.

XLIX

Divisão das palavras em syllabas

Theorema: — As syllabas não pódem truncar-se.

Regra: — Não se truncam syllabas.

Corollarios:

1.^o — Na escripta, quando a palavra não caiba na linha, divide-se em syllabas inteiras.

2.^o — Quando haja consoantes geminadas, fica uma na primeira linha, e a outra na seguinte.

3.^o — Quando haja grupos consonantaes, de duas consoantes diversas, fica uma na primeira linha, e a outra na seguinte.

4.^o — Os radicaes ficam intactos.

5.^o — Os prefixos, suffixos, e infixos, ficam intactos, sendo monosyllabicos.

6.^o — Quando haja grupos consonantaes, de mais de duas consoantes, distribuem-se, ou desmancham-se, segundo a observancia de todas as outras regras perscriptas.

Exemplos:

Açafata — a-ça-fa-ta; acalcanhar — a-cal-ca-nhar; acastigar-se — a-cas-ti-çar-se; acção — ac-ção; affabilizar — af-fa-bi-li-zar; affecto — af-fec-to; agallegar-se — a-gal-le-gar-se; aficionado (*barb.*) — a-fi-ci-o-na-do; apostolico — a-pos-

to-li-co; aptidão — ap-ti-dão; apto — ap-to; atarefar — a-ta-re-far; attribuir — at-tri-bu-ir; bruxo — bru-xo; bugio — bu-gi-o; buzio — bu-zi-o; caça — ca-ça; cassa — cas-sa; catechizar — ca-te-chi-zar; chronico — chro-ni-co; circumspecção — cir-cum-spec-ção; cautela — cau-te-la; commemorar — com-me-mo-rar; concomitancia — con-co-mi-tan-ci-a; cornifero — cor-ni-fe-ro; corrupção — cor-rup-ção; corrup-tela — cor-rup-te-la; cortadella — cor-ta-del-la; defectivo — de-fec-ti-vo; delicto — de-lic-to; deliquescencia — de-li-que-scen-ci-a; depressicorne — de-pres-si-cor-ne; desaparecer — des-ap-pa-re-cer; destrunfar — des-trun-far; destruição — des-trui-ção; dificuldade — dif-fi-cul-da-de; digynia — di-gy-ni-a; diphtheria — di-phthe-ri-a; diphthongo — di-phthon-go; disco — dis-co; dissemelhança — dis-se-melhan-ça; duodecuplo — du-o-de-cu-plo; dysuria — dys-u-ri-a; entrouxar — en-trou-xar; envergues — en-ver-gues; evhemerismo — e-vhe-me-ris-mo; facto — fac-to; fogaréo — fo-ga-ré-o; futurição — fu-tu-ri-ção; facillimo — fa-cil-li-mo; gemma — gem-ma; grassar — gras-sar; gratuidade — gra-tu-i-da-de; gymnosophista — gy-mno-so-phis-ta; gypseo — gy-pse-o; hiante — hi-an-te; hiato — hi-a-to; humor — bu-mor; hydrogenio — hy-dro-ge-ni-o; hymno — hy-mno; incontritamente — in-con-tri-ta-men-te; ichthyologia — ich-thy-o-lo-gi-a; idear — i-de-ar; ideia — i-de-ia; indicção — in-dic-ção; indiviso — in-di-vi-so; ineptia — in-ep-ci-a; inspecção — in-spec-ção; installar — in-stal-lar; intuição — in-tu-i-ção; leccionar — lec-ci-o-nar; licção — lic-ção; Lysia — Ly-si-a; macaista — ma-ca-is-ta; monophthongo — mo-no-phthon-go; nyctemero — nyc-te-me-ro; omittir — o-mit-tir; ophthalmia — o-phthal-mi-a; Parnaso, ou Parnasso — Par-na-so, ou Par-nas-so; perorar — per-o-rar; pessimo — pes-si-mo; peste — pes-te; Petreia — Pe-trei-a; petreo — pe-tre-o; phthisiologo — phthi-si-o-lo-go; prescrever — pre-scre-ver; pretermissão — pre-ter-mis-são; prioral — pri-or-al; prioridade — pri-or-i-da-de; prophylaxia — pro-phyl-la-xi-a; recta — rec-ta; reticulo — re-ti-cu-lo; revivescencia — re-vi-ve-scen-ci-a; rivalizar — ri-va-li-zar; santidade — san-ti-da-de; santo — san-to; sole-mne — so-le-mne; solemnidade — so-le-mni-da-de; sollercia — sol-ler-ci-a; suppôr — sup-pôr; tracção — trac-ção; traição — trai-ção; transvasar — trans-va-sar; trasvazar — tras-va-

zar; tratar—tra-tar; Urania—U-ra-ni-a; villa—vil-la; zoadá—zo-a-da.

Nota:—O que ficou indicado foi a maneira pratica, e em uso, de se dividirem todas estas palavras, quando não caibam na linha.

Nem sempre se seguem as regras, sobretudo em vocabulos de origem grega, ou d'outras mais obscuras.

L

Verbos

As conjugações latinas são quatro, em *āre*, *ēre*, *ĕre* e *īre*.

As portuguezas são tambem quatro, em *ar*, *er*, *ir* e *ór*, esta ultima constituida sómente pelo verbo *pór* e derivados.

Os verbos da 1.^a latina passaram para a primeira portugueza: *amāre*, *amar*; *cavāre*, *cavar*; *supplicāre*, *supplicar*; *turbāre*, *turvar*.

Os verbos da 2.^a latina passaram, em maioria, para a segunda portugueza: *debēre*, *dever*; *fervēre*, *ferver*; *movēre*, *mover*; *vidēre*, *ver*; e, em minoria, para a terceira: *abolēre*, *abolir*; *delēre*, *delir*; *ridēre*, *rir*.

Os verbos da 3.^a latina distribuiram-se pelas conjugações segunda e terceira portuguezas: *comedēre*, *comer*; *legēre*, *ler*; *mittēre*, *metter*; *vivēre*, *viver*; e *attribuēre*, *attribuir*; *fugēre*, *fugir*; *fundēre*, *fundir*; *mungēre*, *mungir*.

Os verbos da 4.^a latina passaram para a terceira portugueza: *audēre*, *ouvir*; *ferīre*, *ferir*; *muģire*, *muģir*; *partīre*, *partir*; *vestīre*, *vestir*.

A razão porque os verbos das conjugações 2.^a e 3.^a latinas, não ficaram todos, respectivamente,

nas conjugações 2.^a e 3.^a portuguezas, que lhes correspondem, foi por haverem sido mal pronunciados pelos primeiros que fallaram a lingua portugueza, que, para ser um dialecto neo-latino, havia justamente de ser o latim, sim, mas com incorrecções, entre ellas as de pronuncia.

O verbo *pôr*, é contracção de *poer*, do latim barbaro *ponēre*, em vez do classico *ponēre*.

Nota: As palavras latinas lêem-se assim: o accento predominante não recae nunca na ultima syllaba; nos dissyllabos, o accento fica na primeira syllaba; nos polysyllabos, o accento fica na penultima, se fôr longa, ou na antepenultima, se a penultima fôr breve.

Amar; Comer; Partir. — *Ind. pres.:* amo, como, parto, amamos, comemos, partimos. *Imperf.:* amava, comia, partia, etc. *Perf.:* amei, comi, parti, amámos, comemos, partimos. *M.-que-perf.:* amara, comera, partira, etc. *Fut.:* amarei, amarás, etc., comerei, comerás, etc., partirei, partirás, etc. *Cond.:* amaria, comeria, partiria, etc. *Imp.:* ama, amae; come, comei; parte, parti. *Conj. pres.:* que eu ame, coma, parta, etc., etc., etc.

Arrear. — *Ind. pres.:* eu arreio, tu arreias, elle arreia, nós arreamos, vós arreaes, elles arream. *Imperf.:* eu arreava, tu arreavas, etc. *Perf.:* eu arreei, tu arreaste, elle arreou, nós arreámos, vós arreastes, elles arream. *Fut.:* eu arrearrei, etc. *Cond.:* eu arrearria, etc. *Imp.:* arreia, arreae. *Conj. pres.:* que eu arreeie, que tu arrees, que elle arreeie, que nós arreemos, que vós arreeis, que elles arreeiem. *Imperf.:* arreasse, arreasses, arreasse, arreassemos, arreasseis, arreassem. *Fut.:* arrear, arreaes, arrear, arrearremos, arreardes, arrearem. *Inf.:* arrear. *Part. pres.:* arreando. *Part. pass.:* arreado, a, os, as.

Arriar. — *Ind. pres.:* eu arrio, tu arrias, elle arria, nós arriamos, vós arriaes, elles arriam. No sing. e na 3.^a do plural tambem se diz: arreio, arreias, arreia, arream. *Imperf.:* arriava, etc. *Perf.:* arriei, arriaste, etc. *Fut.:* arriarei, etc.

Cond. : arriaria, etc. *Imp.* : arria, arriae. *Conj. pres.* : arrie, arries, arrie, arriemos, arrieis, arriem. *Imperf.* : arriasse, etc. *Fut.* : arriar, arriares, etc. *Inf.* : arriar. *Part. pres.* : arriando. *Part. pass.* : arriado, a, os, as.

(¹) Os verbos *arrear* (*apparellhar*) e *arriar* (*descer, abater, amainar*) são distinctos pelo significado e pela graphia. E pela origem. *Arrear* vem do *lat. vulg.* ou *barb.*, *arrectiare*, e *arriar* vem do *lat. vulg.* ou *barb.* *arripare*, de *ripa*. *Arriar*, e *arribar*, serão, portanto, formas divergentes.

Crear.—*Ind. pres.* : crio, crias, cria, creamos, creaes, criam. *Imperf.* : creava, etc. *Perf.* : creei, etc. *Fut.* : crearei, etc. *Cond.* : crearia, etc. *Imp.* : cria, creae. *Conj. pres.* : que eu crie, que tu cries, que elle crie, que nós creemos, que vós creeis, que elles criem. *Imperf.* : que eu creasse, etc. *Fut.* : crear, ares, ar, armos, ardes, arem. *Part. pres.* : creando. *Part. pas.* : creado, a, os, as.

Crer.—*Ind. pres.* : creio, crês, cré, cremos, credes, crêm. *Imperf.* : cria, etc. *Conj. pres.* : que eu creia, que tu creias, que elle creia, que nós creiamos, que vós creiaes, que elles creiam.

Saber.—*Ind. pres.* : sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem. *Imperf.* : sabia, etc. *Perf.* : soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam. *Fut.* : saberei, etc. *Cond.* : saberia, etc. *Imp.* : sabe, sabei. *Conj. pres.* : que eu saiba, as, a, amos, aes, am. *Imperf.* : soubesse, esses, esse, essemos, esseis, essem. *Fut.* : souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem. *Inf.* : saber. *Part. pres.* : sabendo. *Part. pass.* : sabido, a, os, as.

Querer.—*Ind. pres.* : quero, queres, quer, queremos, quereis, querem. *Imperf.* : queria, querias, etc. *Perf.* : quiz, quizeste, quiz, quizemos, quizestes, quizeram.

Fut. : quererei, etc. *Cond.* : quereria, etc. *Imp.* : quer, querei. *Conj. pres.* : que eu queira, que tu queiras, que elle queira, que nós queiramos, que vós queiraes, que elles queiram. *Imperf.* : quizesse, etc. *Fut.* : quizer, etc. *Inf.* : querer. *Part. pres.* : querendo. *Part. pass.* : querido, a, os, as. e *quisto* (*arch.*), *nos derivados* : bemquisto, malquisto.

Requerer.—*Ind. pres.* : requero, requeres, requer, ou require, requeremos, requireis, requerem.

Imperf.: requeria, etc. *Perf.*: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram. *Fut.*: requererei, etc. *Cond.*: requereria, etc. *Imp.*: requere, requerei. *Conj. pres.*: que eu requiera, que tu requieras, etc. *Imperf.*: que eu requeresse, que tu requeresse, que elle requeresse, que nós requeressemos, que vós requeresseis, que elles requeressem. *Fut.*: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem. *Inf.*: requerer. *Part. pres.*: requerendo. *Part. pass.*: requerido, a, os, as.

Poder. — *Ind. pres.*: posso, podes, pôde, podemos, podeis, pôdem. *Imperf.*: podia, podias, etc. *Perf.*: pude, pudeste, pode, podemos, podestes, poderam. *M-que-perf.*: podera, poderas, podera, poderamos, podereis, poderam. *Fut.*: poderei, poderás, poderá, etc. *Cond.*: poderia, etc. *Imp.*: pôde, podei. *Conj. pres.*: que eu possa, as, a, amos, aes, am. *Imperf.*: podesse, etc. *Fut.*: podér, podéres, podér, podermos, poderdes, podérem. *Inf.*: poder. *Part. pres.*: podendo. *Part. pass.*: podido.

Fazer. — *Ind. pres.*: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem. *Imperf.*: fazia, etc. *Perf.*: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram. *Fut.*: farei, etc. *Cond.*: faria, etc. *Imp.*: faze ou faz, fazei. *Conj. pres.*: faça, as, a, amos, aes, am. *Imperf.*: fizesse, etc. *Fut.*: fizer, etc. *Inf.*: fazer. *Part. pres.*: fazendo. *Part. pass.*: feito, a, os, as.

Trazer. — *Ind. pres.*: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem. *Imperf.*: trazia, etc. *Perf.*: trouxe, trouxe, trouxe, trouxe, trouxe, trouxe. *Fut.*: trarei, etc. *Cond.*: traria, etc. *Imp.*: traze ou traz, trazei. *Conj. pres.*: que eu traga, as, a, amos, aes, am. *Imperf.*: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxessemos, trouxesseis, trouxessem. *Fut.*: trazer, etc. *Inf.*: trazer. *Part. pres.*: trazendo. *Part. pass.*: trazido, a, os, as.

Sahir. — *Ind. pres.*: saio, saes, sae, saímos, sahis, sahem. *Imperf.*: sahia, sahas, etc. *Perf.*: sahi, sahiste, sahiu, saímos, sahistes, sahiram. *Fut.*: sahirei, etc. *Cond.*: sahiria, etc. *Imp.*: sae, sahi. *Conj. pres.*: que eu saia, que tu saias, que elle saia, que nós saíamos, que vós saiaes, que elles saiam. *Imperf.*: sahissee, etc. *Fut.*: sahir, sahires, sahir, sahirmos, sahirdes, sahirem. *Inf.*: sahir. *Part. pres.*: sahando. *Part. pass.*: sahido, a, os, as.

Trahir. — *Ind. pres.*: traio, trahes, trahe, trahimos, trahis, trahem. *Imperf.*: trahia, trahias, etc. *Perf.*: trahi, trahiste, trahiu, trahimos, trahistes, trahiram. *Fut.*: trahirei, etc. *Cond.*: trahiria, etc. *Imp.*: trahe, trahi. *Conj. pres.*: que eu traia, que tu trahas, que elle traia, que nós traíamos, que vós traiaes, que elles traíam. *Imperf.*: trahisse, etc. *Fut.*: trahir, trahires, trahir, trahirmos, trahirdes, trahirem. *Inf.*: trahir. *Part. pres.*: trahindo. *Part. pass.*: trahido, a, os, as.

Cahir. — *Ind. pres.*: caio, caes, cae, cahimos, cahis, cahem. *Imperf.*: cahia, cahias, etc. *Perf.*: cahi, cahiste, cahiu, cahimos, cahistes, cahiram. *Fut.*: cahirei, etc. *Cond.*: cahiria, etc. *Imp.*: cae, cahi. *Conj. pres.*: que eu caia, que tu caias, que elle caia, que nós caiamos, que vós caiaes, que elles caíam. *Imperf.*: cahisse, etc. *Fut.*: cabir, cabires, cabir, cabirmos, cabirdes, cabirem. *Inf.*: cabir. *Part. pres.*: cabindo. *Part. pass.*: cahido, a, os, as.

Instruir. — *Ind. pres.*: instruo, instrues, instrue, instruímos, instruis, instruem.

Construir. — *Ind. pres.*: construo, constroes, contrõe, construimos, construis, constroem. *Tambem se diz, e se escreve*: construes, construe, construem.

Reconstruir. — *Ind. pres.*: reconstruo, reconstrues, reconstrue, reconstruímos, reconstruis, reconstruem.

Explodir. — *Ind. pres.*: expluo, explues, explue, explodimos, explodis, expluem. *Imperf.*: explodia, etc. *Perf.*: explodi, explodiste, explodiu, explodimos, explodistes, explodiram. *Fut.*: explodirei, etc. *Cond.*: explodiria, etc. *Imp.*: explue, explodi. *Conj. pres.*: que eu explua, que tu expluas, que elle explua, que nós explodamos, que vós explodaes, que elles expluam. *Imperf.*: explodisse, etc. *Fut.*: explodir, explodires, explodir, explodirmos, explodirdes, explodirem. *Inf.*: explodir. *Part. pres.*: explodindo. *Part. pass.*: explodido, a, os, as.

Pôr. — *Ind. pres.*: ponho, pões, põe, pomos, pones, põem. *Imperf.*: punha, etc. *Perf.*: puz, poseste, poz, posemos, posestes, poseram. *M.-que-perf.*: posera, etc. *Fut.*: porrei, etc. *Cond.*: poria, etc. *Imp.*: põe, ponde. *Conj. pres.*: ponha, as, a, amos, aes, am, *Imperf.*: posesse, etc. *Fut.*: poser, poseres, poser, posermos, poserdes, poserem. *nf.*: pôr. *Part. pres.*: pondo. *Part. pass.*: posto, a, os, as

POSFACIO

Depois de escriptas as linhas anteriores, que não foram tantas como seria mister para tão momentoso assumpto, necessario se torna dizer mais duas palavras, para sustentarmos a nossa opinião, de que a escripta tradicional é a que convem á indole da nossa lingua; para provarmos que a pseudo-reforma orthographica de 1910, veiu augmentar ainda mais o chaos existente na nossa orthographia; e para declararmos que a razão de continuarmos com a bandeira da nossa unica orthographia tradicional, está no vermos que esse campo é o mais bem guarnecido de *crentes*, ou da maioria dos nacionaes, dos dois campos *ortho* e *tortographico*, d'onde resulta bem claramente qual a tendencia ou a vontade expressa da nação, cujo humilde interprete temos a certeza de haver sido até aqui, como o seremos sempre, até com um *e pur si muove* nos labios, se preciso fosse.

Porque é revoltante, crede-o, que dois ou tres philologos-amadores e *caturras*, tenham vindo dar leis, ou *destruir* leis, no patrimonio intellectual de uma nacionalidade, escudando-se com a *capa* do Estado, distrahido e politico, e sem que ousem contradictá-los os homens de letras ou de sciencia do paiz, transidos d'uma deprimentissima e incom-

prehensível cobardia, ou de um anti-patriótico indifferentismo. E quando, do mesmo passo, tanto a imprensa do livro, como a do jornal, se veem manifestando abertamente hostis á corrente anarchica estabelecida principalmente por esses dois ou tres caturras! Porque foram só dois ou tres, não haja duvida nenhuma: os outros, tambem nomeados para a celebre commissão encarregada de estragar a lingua, andaram por lá como Pilatos no *Credo*. E se esses disserem que mentimos, diremos nós que são elles que mentem, contra a sua consciencia de intellectuaes, porque nós temos alguns d'esses homens em muito boa conta, como homens de sciencia, e o resultado a que chegou a alludida commissão, é tudo quanto, tanto pelo lado theorico, como pelo pratico, se poderia ter inventado de mais errado, inesthetico e idiota.

Faz lembrar o desenho de um louco, a invenção de um louco, a orthographia de um louco.

Uma orthographia saloia!

*

Quanto ao primeiro ponto, que a orthographia tradicional é a que convem á indole da nossa lingua, prova-se pela afinidade e differenciação, entre o nosso idioma e os demais do grupo linguistico a que pertence... A geminação consonantal, por exemplo? E' necessaria, orthographicamente, porque o é morphologicamente. Não seremos nós que a ella fugiremos, nem por mil decretos. E se a não quizermos na nossa algaraviada, tê-la-hemos

no francez, no inglez, ou no castelhanõ, ou até no allemão, se um dia nos virmos obrigados a estudar essas linguas, o francez, a lingua diplomatica e das salas, e o inglez ou o allemão, importantissimos para o commercio, para a industria e para as sciencias... Mas não nos alonguemos. Algures dissemos já muitissimo sobre este ponto, como estamos fartos de demonstrar que o portuguez, que hoje dizem official, será tudo menos portuguez.

*

Quanto ao segundo ponto, que a pseudo-reforma orthographica de 1910, veiu augmentar ainda mais o chaos da nossa orthographia, é o que resulta, com a maxima clareza, da simples inspecção de como por ahi escrevem os jornaes.

Os jornaes e mais periodicos, que á data da publicação d'este opusculo, mostram vontade de continuar a graphar segundo a maneira tradicional, isto é, approximadamente ao que nós chamamos orthographia, são os seguintes (e muitos outros, cuja existencia ignoramos, ou que não temos presentes):

De *Lisboa*: A Lucta, O Jornal do Commercio e das Colonias, Novidades, A Nação, A Capital, O Dia, O Zé, Ridiculos, Bandarilhas de Fogo, O Correio, O Paiz, O Socialista, A Voz do Operario, A Reforma, Echo Artistico, Tiro e Sport, A Associação Operaria, O Occidente, A Alyorada, A Gazeta dos Caminhos de Ferro, Mala da Europa, Brasil-Portugal, O Zoophilo, Echos Veterinarios, O Revolucionario, etc. Do *Porto*: O Commercio do Porto, O Jornal de Noticias, O Primeiro de Janeiro, Grito do Povo, O Mundo Illustrado, etc. De *Coimbra*: O Imparcial, etc. De *Braga*: Echos do Minho, A Opinião, O Commercio do Minho. De

Guimarães: O Imparcial. De *Vianna do Castello*: A Aurora do Lima, O Districto de Vianna, Vida Nova. De *Vizeu*: O Correio da Beira, A Revista Catholica. De *Villa-Real*: Noticias de Villa-Real. De *S. Thyrso*: O Jornal de S. Thyrso. De *Estarreja*: O Jornal de Estarreja. De *Alcobaca*: Noticias de Alcobaca. De *Portalegre*: O Futuro. De *Setubal*: O Trabalho. De *Valença*: O Valenciano. De *Barcellos*: A Folha da Manhã. De *Bragança*: O Montanhês do Norte. De *Paredes de Coura*: A Voz de Coura. De *Arganil*: A Comarca de Arganil. De *Aveiro*: O Progresso de Aveiro, O Aveirense. De *Espozende*: O Espozendense. De *Alemquer*: Damião de Goes. De *Torres-Novas*: O Jornal Torrejano. Do *Bussaco*: O Bussaco. Do *Funchal*: O Diario da Madeira, O Heraldico da Madeira, etc. Do *Brasil*: do *Rio de Janeiro*: A Imprensa, O Paiz, O Realista, etc. De *S. Paulo*: A Gazeta do Povo, etc.

Muitissimos são tambem os periodicos, que escrevem tortographicamente. São, porém, muito mais numerosos os outros. Não importa nada, para o caso. O que queremos salientar, agora, é o seguinte: nem uns nem outros seguem uma norma definida. Os orthographicos esquecem-se de recordar a orthographia, e os tortographicos esquecem-se egualmente de manter homogeneidade na sua maneira de tortographar. Se homogeneidade fosse possivel... Mas tem isso a que se chama *official*... Para castigo, porém, de quem reuniu tantos disparates, esse agglomerado de disparates não pôde naturalmente ser seguido ⁽¹⁾, e os tortographos o que sabem, pelo exemplo do Estado, é que se trata de simplificar (*sic*) a graphia, d'onde a furia de simplificar (?) a torto e a direito, querendo todos ser mais caturras, n'este ponto, do que os maiores ca-

(1) Querem *ennodoar* e não querem *innovar*!!!

turras da tortographia official. Uma verdadeira desaffinação!

A' desaffinação dos tortographicos, junta-se ainda por cima a desaffinação dos orthographicos. Estes, embora sejam os que estão no bom caminho, perdem-se, comtudo, não só porque não estudam orthographia, mas porque não sabem defender-se das insidias dos contrarios.

Certos jornaes seguem uma graphia n'umas paginas, outra n'outras. Alguns, descuidadamente, vão cortar annuncios aos jornaes tortographicos, e publicam-nos, esquecendo-se de lhes alterar a graphia, o que aliás não alteraria nada o contexto dos annuncios. Emfim, uma perfeita ausencia de vigilante attenção pelos interesses da linguagem.

Mas a maior insidia dos tortographos está no dizerem que pretendem acabar com o analfabetismo do povo, o que é uma suprema mentira. Fornecendo ao povo uma *linguagem de trapos*, contribuirão optimamente mas é para o embruteecer de todo, para o tornar *materialão* de todo.

Veja-se o «Diario de Noticias». Aqui, o melhor portuguez, é o da ultima pagina, o portuguez das *sopeiras*. No corpo do jornal, é uma desgraça.

Veja-se tambem o «Seculo», de 13-2-913, por ex.:

Arredores de Lisboa

Quarta-feira, 12 de fevereiro.

BARCELOS. — C. — Teem apparecido no logar da Bemposta mais casos de difeteria. E' urgente que se adotem providencias.

Souvent les journaux varient, bien fol est qui s'y fie... Os jornaes conservadores!... são como os politicos, conservadores... Ganancia, tudo ganancia: pois se ninguem já se importa com o passado, quanto mais com a posteridade...

*

Em conclusão, e quanto ao terceiro ponto: continuaremos pugnando pela conservação da nossa verdadeira orthographia. E' essa a vontade expressa do paiz: expressa na forma como vemos graphar na maioria dos periodicos e outras publicações. Temos a pseudo-reforma de 1 de Setembro de 1910, como tudo o que de mais erroneo e abusivo, se poderia ter praticado contra a linguagem nacional. Mas o remedio é este: essa pseudo-reforma foi um acto do Governo Provisorio, e carece de uma sanção qualquer, talvez do Parlamento. Carece de ser revogada. Foi referendada por um chefe de partido, o Sr. Dr. Antonio José d'Almeida. Supponhamos este politico um prestantissimo cidadão. Não obsta. Aquillo foi feito no ar, *à la diable*. Não pertencemos áquelle partido, mas ainda que pertencessemos, *amicus Plato, sed magis amica veritas...*

A orthographia que temos por legitima, é, pois, a do **Diccionario Portuguez Contemporaneo**, de Caldas Aulete. E' darem-lhe as devidas honras, e deixarem-se de reformecas, e da nomeação de commissões, que não pódem senão pôr tudo peor do que já está.

E a mentalidade do povo estabelecer-se-ha de accordo com o signal algebrico da esthetica do nosso primeiro symbolo nacional. Porque se Horacio dizia: *ridendo*, tambem nós diriamos: *colendo*...

Supplemento

Redimir ou Remir. — *Ind. pres.:* eu redimo, tu redimes, elle redime, nós redimimos ou remimos, vós redimis ou remis, elles redimem *Imperf.:* eu redimia ou remia, tu redimias ou remias, etc. *Perf.:* eu redimi ou remi, tu redimiste ou remiste, etc. *M. que perf.:* eu redimira ou remira, tu redimiras ou remiras, etc. *Fut.:* eu redimirei, tu redimirás, etc. *Cond.:* eu redimiria, tu redimirias, etc. *Imp.:* redime, redimi ou remi. *Conj. pres.:* que eu redima, tu redimas, elle redima, nós redimamos, vós redimaes, elles redimam. *Imperf.:* que eu redimisse ou remisse, tu redimisses ou remisses, etc. *Fut.:* redimir ou remir, redimires ou remires, etc. *Inf.:* redimir ou remir. *Part. pres.:* redimindo ou remindo. *Part. pass.:* redimido, a, os, as, ou remido, a, os, as.



BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL
FORMULO DE CATALOGO

É a mentalidade do povo estabelecida em relação ao trabalho com o sinal gráfico da esthetica do uso próprio symbolo nacional. Por isso se diz: "dizem; também nos ditamos; vejam-se".

Errata

A pg. 32 veem as seguintes linhas: «raras vezes apparece assimilado (o phonema *v*), mas não geminado graphicamente, como em *averbar* e *avocar*». Ora isto não é assim. Tanto em *averbar*, como em *avocar*, o prefixo não é *ad*. Em *averbar*, o prefixo é *a*, preposição portugueza, e em *avocar*, o prefixo é *a*, preposição latina, abbreviação de *ab*. — Vejam-se pg. 36 e 37.

A orthographia que segue para *avocar*, p. 42, do *Dicionario Portuguez Contemporaneo*, de Lisboa, 1880, não se differencia da que se encontra no *Dicionario da Academia Brasileira de Letras*, p. 42, e da *Grammatica da Lingua Portugueza*, de A. de Gusmão, p. 42.



RÓ
MU
LO



CENTRO CIÊNCIAS
UNIVERSIDADE COIMBRA

1329694303

Do auctor

A Escripta Nacional	1\$200
Vocabulario (Separata d' « <i>A Escripta Nacional</i> »).....	\$600

O deposito d'estas duas obras é na *Livraria Ferreira, Limitada*, R. Aurea, 132, Lisboa, onde podem ser dirigidas requisições.

Gralhos Depennados	\$060
Orthoepia e Orthographia	\$200

Estes dois opusculos podem ser pedidos directamente ao Auctor, R. Nova da Trindade, 48, Lisboa.—Desconto de 20 %, a partir de 5 exemplares ou a revendedores.—Enviam-se a quem enviar a respectiva importancia, em vale ou em estampilhas postaes.

Á venda nas livrarias